polícia. Quando a telefonista do advogado respondeu, Tibbs foi bastante brusco com ela, embora essa não fôsse sua intenção. Poucos segundos depois, estava falando com Michael Wolfram e depressa lhe explicou o problema.

—Sr. Tibbs, o que sucedeu acontece sempre a tôdas as pessoas que desejam falar com o Sr. McCormack. Peço-lhe o favor de não considerar o ocorrido como uma ofensa pessoal—explicou o advogado.—O Sr. McCormack é uma pessoa extremamente reservada e, geralmente, impõe as suas próprias regras. Prefere não receber quem quer que seja e nada há a fazer. Passo boa parte do meu tempo a acalmar as pessoas que tiveram a mesma experiência que o senhor. Se o visitar, pessoalmente, na sua residência, é possível que êle o receba, mas duvido sèriamente.

—Então, que sugere que eu faça para poder vê-lo?—perguntou Tibbs.—Preciso falar com êle o mais depressa possível.

—O senhor poderá escrever-lhe uma carta. Êle lê sempre o correio que recebe e, depois, procede como melhor entende. Contudo, conte com uma semana de espera. O Sr. McCormack não gosta de ser apressado.

—Como seu advogado, o senhor não poderia indicar-lhe a necessidade de me receber imediatamente?

—Sr. Tibbs, peço-lhe que compreenda que isso seria inútil. O Sr. McCormack deu-me instruções específicas sôbre casos como êste. Parece-me que uma carta seria a sua melhor solução.

Furioso com aquela situação, Virgil Tibbs saiu do seu escritório e, sentando-se ao volante do carro, dirigiu-se para Malibu. Seu objetivo encontrava-se a alguma distância e, no complicado e veloz tráfego da estrada, Tibbs teve de conter a irritação para não perder seus reflexos. Para se distrair, ligou o rádio e escutou o relato de um jôgo entre os California Angels e os Yankees. Quando alcançou a costa do Pacífico, Virgil já recuperara a calma habitual.

A residência de Walter McCormack erguia-se no meio de um parque, a certa distância da estrada, totalmente rodeada e escondida por arbustos e árvores. O grande portão estava fechado e tudo indicava que as visitas não eram bem recebidas. Virgil estacionou o carro, encaminhou-se para uma pequena porta que viu a poucos metros do portão e, verificando que esta estava aberta, entrou no parque.

Uma vez lá dentro, teve de confessar que o lugar era extremamente agradável. Notou imediatamente que, mais adiante, o declive do terreno permitia avistar uma magnífica paisagem do oceano. Não tardou a sentir, também, que o ar que respirava se tornara mais puro quase sùbitamente, com um gôsto de sal, o que era

muito refrescante. O imenso gramado, muito bem cuidado, cercava completamente a grande mansão, totalmente inglêsa em estilo, que reinava sôbre o parque com uma dignidade principesca. Tratava-se do tipo de casa que nenhum policial jamais poderia sequer esperar vir a possuir.

Tibbs começou a andar lentamente e, ao aproximar-se da residência, viu um negro de elevada estatura que estava lavando um Cadillac prêto. O homem olhou para Virgil e interrompeu o trabalho para observá-lo. Tibbs continuou a andar e chegou junto dêle.

—O Sr. McCormack está em casa?—perguntou êle.

A presença do luxuoso automóvel sugeria que sim, mas a pergunta fôra feita com um propósito.

O motorista olhou para êle com grande surprêsa.

—Não temos trabalho para lhe oferecer. O Sr. McCormack contrata todo o pessoal através de uma agência.

—Não estou procurando trabalho—respondeu Virgil.

O investigador tirou do bôlso a carteira e mostrou ao motorista o emblema da polícia.

O homem olhou para o emblema e assobiou suavemente.

—Alguma complicação?—perguntou êle.

—Talvez não, mas tenho de falar com o Sr. McCormack. Qual é a melhor maneira?

O negro sacudiu a cabeça lentamente.—Não existe uma maneira melhor. O Sr. McCormack é um homem muito duro. Todo o mundo deseja vê-lo, mas êle nunca recebe quem quer que seja.

—E êle não tem um escritório?

—Não... não precisa ter. Já tem todo o dinheiro de que precisa e, agora, só quer ficar quieto, aqui, a descansar.

Tibbs voltou a olhar para o oceano, dizendo:

—Acho que êle tem razão, com esta vista e esta esplêndida casa, mas isso não me impede de falar com êle.

Eloqüentemente, o motorista encolheu os ombros. Depois, continuou a lavar o carro, dividindo sua atenção entre o trabalho e a conversa:

—Não vale a pena tocar a campainha da porta. Será inútil.

—Alguém terá de responder—disse Tibbs, falando com certa lógica.

—Talvez, mas não o deixarão entrar... nem mesmo com êsse distintivo da polícia. Sei perfeitamente que, dessa maneira, não entrará. Todo o pessoal recebeu ordens nesse sentido. Qualquer pessoa que deixar entrar alguém será logo despedida. Assim, se o senhor convencer alguém a deixá-lo entrar, êsse alguém perderá o emprêgo.

—Como se chama você?—perguntou Tibbs.

—Brown, Walter Brown. O patrão não gosta de saber que eu tenho o mesmo nome que êle e, por isso, chama-me sempre Brown. Certa vez, até quis que eu mudasse de nome e ofereceu-me o seu advogado para tratar de tudo. Eu, porém, disse-lhe que gostava muito do meu nome, tal e qual êle era.

—Você fêz muito bem.—Tibbs pensou durante um minuto, decidindo ir-se embora e experimentar uma nova solução.—Bem, já vi que tenho de desistir.

Com grande surprêsa de Virgil, o motorista interrompeu a lavagem do carro e acompanhou-o até ao portão do parque.

—Se o senhor precisar de alguma ajuda—ofereceu êle—fale comigo.

Tibbs agradeceu-lhe e entregou-lhe seu cartão de visita, dizendo:

—Vou tentar receber um convite para visitar o Sr. McCormack. Se por acaso você o vir hoje e se tiver uma possibilidade de falar com êle, agradecer-lhe-ia que lhe dissesse pessoalmente que um investigador da polícia tentou falar com êle sôbre um assunto muito importante.

Brown aceitou o cartão e guardou-o no bôlso das calças.

—Não creio que êste seja o melhor momento para falar com êle—disse o motorista.—Tem estado muito ocupado, nestes últimos dias. O senhor leu os jornais?

Tibbs assentiu.

—Um dos melhores amigos do Sr. McCormack foi assassinado no clube de nudistas e êle não gostou muito da história. Está de tal maneira irritado que nem sequer recebe o advogado, embora o Sr. Wolfram possa, geralmente, entrar na casa a qualquer hora.

—A qualquer hora?—perguntou Tibbs.

—Isso mesmo, de dia ou de noite.

—E haverá mais alguém que tenha êsse privilégio?

Brown sacudiu a cabeça, respondendo:

—Não, não. O Sr. Wolfram é o único que pode ser recebido quando quer.

—Pode dizer-me se existe uma Sr.ª McCormack?

—Existia, sim, mas já morreu há muito tempo. Era uma senhora muito simpática...

Tibbs digeriu tôda aquela informação durante o almôço e, depois, voltou a entrar na auto-estrada, de regresso à cidade.

Permaneceu na pista da direita, para poder conduzir sem grande velocidade, admirando a paisagem e tentando acalmar-se com a paz e a beleza que o rodeavam. Quando se sentiu melhor, já mais bem disposto e sereno, obrigou-se a recordar o trabalho que tinha em mãos, parando diante de uma cabina telefônica. O número

de William Holt-Rymers, um dos quatro acionistas da emprêsa Patentes Roussel que ainda se encontravam vivos, estava registrado na lista como habitando a pequena cidade de Veneza. Virgil discou o número.

A resposta foi quase imediata.

—Bill Rymers—disse uma voz muito dinâmica, mas sem a menor dureza.

Tibbs apresentou-se e pediu para ser recebido.

—Onde se encontra o senhor, agora?—perguntou Holt-Rymers.

Tibbs disse-lhe.

—Venha visitar-me, agora mesmo. Minha casa não é difícil de encontrar. Não se esqueça de sair da estrada antes de chegar ao Parque do Oceano Pacífico. Se chegar a êsse parque, o senhor descobrirá que já foi demasiado longe...

Virgil voltou para o carro e continuou a viagem, a caminho do Sul. Atravessou Santa Mônica e entrou na menos importante área de Veneza, verificando com cuidado os números das ruas para saber onde voltar à esquerda.

Cêrca de um quilômetro antes do famoso parque de diversões, o investigador encontrou o lugar que procurava; a casa estava perto do oceano, sendo bastante pequena e encontrando-se comprimida entre duas outras residências típicas das praias da região. A casa, que não aparentava luxo algum, encontrava-se bastante dilapidada, vendo-se que sofrera muito a ação do tempo, do vento e da água do mar, sem que o seu proprietário se preocupasse com pintá-la ou fazer qualquer tipo de obras. Virgil, um pouco admirado com o estado da casa, voltou a confirmar o número e só então saiu do carro.

O homem que lhe abriu a porta dava uma imediata impressão de altura, magreza e disciplina física muito casual. Devia ter pouco mais de trinta anos e o seu rosto encontrava-se meio oculto por uma barba curta que sugeria o aspecto de um músico de *jazz*. Tibbs calculou que êle tinha um metro e oitenta, embora parecesse mais alto em virtude de estar com o tronco nu, o qual era muito musculado e bronzeado pelo sol. Holt-Rymers vestia apenas uma bermuda e um par de sandálias de couro, trazendo uma toalha em volta do pescoço como se tivesse acabado de regressar de um mergulho numa piscina vizinha.

—Tibbs?—perguntou êle, sem a menor cerimônia.

Antes de Virgil poder responder-lhe, Holt-Rymers estendeu a mão e apertou firmemente a de Tibbs, indicando-lhe logo que entrasse; era evidente que o homem vivia numa informalidade total e que a sala em que se encontravam refletia perfeitamente sua maneira de ser. O mobiliário era muito simples, muito gasto

e modesto, mas essencial: era o mobiliário de um homem que sabe exatamente o que quer. As paredes eram berrantes, em quatro côres diferentes, o que, surpreendentemente, conseguia provocar um aspecto harmonioso. A pouca luz que entrava na sala, através de persianas de madeira, formava sombras angulares nas superfícies que iluminava. A sala estava decorada com três reproduções de pinturas de Gauguin e também algumas telas, trabalhos a óleo, tôdas sem moldura, contrastando violentamente com os fortes tons chapados da superfície das paredes. O efeito geral era totalmente masculino, sem a menor inibição, refletindo certamente o caráter do dono.

Holt-Rymers indicou ao seu convidado que se sentasse e perguntou: "Cerveja?", dizendo a palavra como se fôsse uma pergunta muito natural, uma sugestão e um comentário num dia tão quente como aquêle.

Virgil sabia perfeitamente que não poderia responder negativamente àquele homem, explicando-lhe que jamais bebia em serviço. Assim, também lacônicamente, disse: "Gelada".

O anfitrião olhou-o com aprovação e abriu uma geladeira que se encontrava a um canto da sala. Retirando do seu interior duas latas de cerveja, abriu-as ràpidamente e entregou uma delas a Virgil. Depois, instalou-se confortàvelmente numa cadeira e estendeu as suas longas pernas numa atitude de repouso total.

—Pode começar—convidou êle.

Como aquela conversa consistira inteiramente, até àquele momento, em frases de uma palavra, Virgil quase estêve tentado a dizer apenas "Assassínio", só para ver qual seria a reação. Todavia, bebeu um pouco da cerveja e começou a falar em voz baixa:

—A minha presença aqui diz respeito a um sócio seu, o Dr. Albert Roussel.

Holt-Rymers encostou-se para trás e nada disse durante alguns momentos.

—Al Roussel... um dos melhores!—exclamou êle, finalmente. Tornou-se de nôvo pensativo, mas não tardou a voltar ao presente:

—Desculpe-me... Fiquei bastante perturbado quando soube o que aconteceu. Ainda me custa acreditar. Claro, já tinha lido alguma coisa sôbre aquêle cadáver no clube de nudistas... como todo o mundo, creio. Mas nunca pensei que se tratasse de alguém que eu conhecia. Só há menos de dez minutos, talvez nem isso, é que ouvi a notícia no rádio.

Holt-Rymers parou de falar e levou a lata de cerveja à bôca.

—E o senhor sabia que êle foi assassinado?—perguntou Tibbs.

—Adivinhei que o foi, claro que pensei isso imediatamente, embora nunca tivesse relacionado Al com aquêle cadáver anônimo.

Ainda estou confuso, parece-me! A notícia nem sequer foi publicada no jornal da manhã. Não posso imaginar que espécie de pessoa desejaria matar um homem tão agradável quanto Al o era. Não tinha um único inimigo em todo o mundo.

—Sim, tinha pelo menos um.

—Isso é óbvio, mas é difícil de acreditar.

—Conhecia-o bem?—perguntou Virgil.

—Muito bem. Talvez seja melhor eu dar-lhe algumas informações. Sabe qual é a minha profissão?

Tibbs apontou para as paredes e disse:—Se aquelas pinturas são suas, o senhor é um artista.

Holt-Rymers assentiu.—Sua resposta foi muito boa e agradeço-lhe. Tem razão, sou pintor. Aparentemente, não sou um artista muito ruim, pois minhas telas vendem-se bem. Tenho um contrato com uma galeria e esta tem sempre fregueses para as minhas pinturas. Em média, faço seis telas por encomenda, todos os anos, a 3.000 dólares cada uma, e o resto do tempo pinto o que me agrada. Faço o que quero e vivo aqui por assim o desejar.

O pintor fêz uma pausa, levou de nôvo a lata de cerveja à bôca, encostou-se para trás, uma vez mais, e prosseguiu:

—A pintura é como tudo. Quem quer pintar bem, tem de aprender. Passei muitos anos na Europa a estudar técnicas, materiais e os rudimentos de estilo.

—Desculpe-me interrompê-lo—disse Virgil—mas alguma vez vendeu uma pintura sua a Walter McCormack?

—Sim, êle tem uma paisagem minha no salão, mas não foi assim que nos conhecemos, se é aí que o senhor queria chegar.

—Desculpe. Pode continuar.

Virgil Tibbs, saboreando sua própria cerveja, compreendeu que o anfitrião tinha seguido muito ràpidamente a sua lógica. O pintor voltou à história:

—Quando eu estava em Paris, aprendendo a minha profissão, conheci Al Roussel. Isso já foi há bastante tempo, antes de ter êle feito fortuna. Tínhamos muita coisa em comum, incluindo o desejo de viver como queríamos. Foi talvez por isso que nos tornamos bons amigos. Quer mais cerveja?

—Ainda tenho, obrigado.

—Depois de nos conhecermos melhor, Al falou-me de um nôvo processo fotográfico que êle acabara de inventar e que pensara poder vir a fazer-lhe ganhar bom dinheiro. Al explicou-me o processo e eu concordei com êle. Já tinha algum dinheiro, nesse tempo, embora não muito, mas precisava de uma quantia maior. Tive a sorte de vender duas telas e investi o dinheiro na invenção

de Al. Se o negócio fôsse bom, o lucro ser-me-ia muito útil. Se não o fôsse, então, eu não teria arriscado mais do que duas telas.

—O senhor foi muito generoso, ao pensar dessa forma—comentou Tibbs.

—Sem risco, o sucesso nunca existe. Bem, como o senhor sabe, a invenção de Al foi muito lucrativa e o meu pequeno investimento deu frutos. Uma amiga de Al, que êle já conhecia havia muito tempo, investiu mais capital e, em seguida, formou uma emprêsa para explorar as patentes. Essa emprêsa era composta por quatro pessoas: Al, Walter McCormack, um cara chamado Ozzie Peterson, que se tornou famoso como jogador profissional de futebol, e a tal mulher, Joyce Pratt. O senhor já falou com ela?

—Já—respondeu Tibbs.

—Joyce foi a verdadeira criadora da emprêsa e dirigia mais ou menos tudo, com McCormack atuando como gerente dos negócios. Depois, Al jogou uma bomba no meio da engrenagem: disse que, como eu investira algum dinheiro no seu trabalho, no comêço, quando mais ninguém se arriscara a fazê-lo, eu teria de ser um sócio igual aos outros no empreendimento. Isso perturbou um pouco a pequena Joyce. Como artista, eu não tinha uma posição social definida, claro, e o meu modesto investimento era uma miséria comparado com o dos outros. Todavia, Al insistiu e eu recebi uma quinta parte das ações da emprêsa. Depois disso, para ser franco, pude passar a pintar o que muito bem me apetecia sem ter de preocupar-me com o preço da cerveja ou do pão. Agora, que já estou representado em alguns museus e que o preço da minha pintura continua subindo no mercado, Joyce já me aceita, mais ou menos, como um sócio possível.

—Segundo ouvi dizer, os senhores receberam uma oferta para vender a emprêsa.

—Sim, é verdade.

—Uma boa oferta?

—Não. Mesmo com Al morto o valor das patentes continuará a aumentar. São invenções essenciais para a indústria e não ficarão obsoletas durante ainda muito tempo.

—Sabe o que pensa Joyce a êsse respeito?

—Ela é faminta por dinheiro e só pensa em vender. Desde que o marido morreu, Joyce perdeu uma boa fonte de renda e quer realizar o máximo de capital possível.

—E McCormack?

—Não sei bem, mas êle é um homem muito astuto e creio que gostaria de conservar as suas ações.

—Que me diz quanto a Paterson?

—A minha impressão é que êle deseja vender.

—Assim, parece que os senhores estão empatados, dois contra dois, e o Dr. Roussel, antes de morrer, é que mantinha o equilíbrio do poder...

—Sim, penso exatamente o mesmo.

—Sabe, por acaso, quais eram as intenções dêle?

Tibbs acabou de beber sua cerveja; já estava quente e perdera parte do sabor.

—Não sei ao certo, mas creio que tencionava manter a emprêsa, tal e qual estava. Al sabia que suas patentes eram importantes e tinha mais invenções já quase prestes a registrar. O homem acredite-me, era um gênio na sua especialidade.

—O senhor viu-o durante a sua última visita?

—Não. Eu estava muito longe... viajando.

—Onde?

—No deserto, sòzinho, pintando!

Tibbs decidiu, por motivos óbvios, mudar abruptamente de assunto:

—Quero falar com Walter McCormack—disse êle.

—E êle não o quer receber...—retorquiu Holt-Rymers.

—Quando fui à casa dêle, disseram-me que qualquer empregado que me desse entrada seria logo despedido.

—É muito provável que isso seja verdade. McCormack é um velho muito duro e arrogante, que ainda acredita na aristocracia governante, da qual êle se elegeu membro para tôda a vida. É um cara decente, à sua maneira, mas para êle um empregado é uma simples coisa... um instrumento. Além disso, não tem grande consideração pelas outras pessoas, a não ser por aquêles poucos que vivem no seu mundo.

—Que relações tem o senhor com êle?

—Estranhamente, McCormack aceita-me com certa simpatia. Na sua opinião, minhas telas colocam-me acima das massas, visto que êle as aprecia. Claro, não me considera como estando ao seu nível, mas sou como Beethoven, êle suporta a minha presença.

—Conseguirá fazer com que êle me receba?

—Duvido. Compreenda-me bem: terei o maior prazer em tentá-lo, mas o fato de me tolerar não significa que tolere qualquer conhecido meu.

Tibbs fêz estalar os dedos, num gesto um pouco nervoso, e disse:

—Gostaria de lhe pedir um favor. Peço-lhe que me dê uma opção de três dias para comprar suas ações na emprêsa. Já sei que o senhor tem um acôrdo e que não pode vendê-las. Além disso, eu não tenho essa espécie de dinheiro...

Holt-Rymers levantou-se, foi até à geladeira e regressou com

mais duas cervejas. Entregou uma a Virgil, levou a outra à bôca e, em seguida, perguntou:

—Como uma espécie de alavanca para ser recebido por McCormack?

—Se eu tivesse essa opção, o Senhor McCormack talvez me convidasse, só para me dizer que não posso comprar as ações—acrescentou Virgil.

—Êle é muito capaz de ficar furioso.

—Então, estaríamos quites. Êle também me irritou.

Holt-Rymers tornou-se pensativo. Bebeu um pouco mais de cerveja e, alguns segundos depois, respondeu:

—Dar-lhe-ei essa opção, desde que o senhor me entregue um documento em que me diga não pretender usá-la e que, além disso, me faça um favor.

—Quer que eu o salve de alguma multa de tráfego?—perguntou Tibbs.

O artista olhou para êle e riu, retorquindo:—O senhor acha que isso seria bom negócio? Não, trata-se de uma coisa totalmente diferente. Quero que me apresente aos proprietários do clube de nudistas, isto é, claro, se o senhor já estêve lá e conhece essa gente.

—Sim, já estive lá, não há dúvida, mas o senhor não precisa de mim para isso.

—De certo modo, sim, preciso.—Holt-Rymers encostou a cabeça para trás e acabou de beber a cerveja de um só trago.—Suponha que eu contrate um modêlo e ela venha aqui posar para mim? Coloco a môça naquele estrado e começo a trabalhar, mas que espécie de sentimento julga o senhor que eu conseguirei com isso? Aqui fechado, entre quatro paredes, com as persianas corridas para que ninguém espreite do lado de fora enquanto trabalho, isso seria, sem dúvida, o que poderia acontecer. Resultado: uma péssima pintura. Se eu pudesse conseguir pintar uma ou outra tela, ocasionalmente, no clube de nudistas, o resultado seria completamente diferente. Não terei a menor dificuldade em levar o meu próprio modêlo, mas se houver no clube alguma môça disposta a posar em troca de uma remuneração, tanto melhor. Com a luz do dia e muito espaço à minha volta, garanto-lhe, eu poderia criar algumas pinturas que valessem a pena. Acha que êles estariam de acôrdo?

Virgil refletiu durante um instante e respondeu:—Tentarei o possível. Os donos do clube são pessoas inteligentes e muito razoáveis. É possível que aceitem. E, já agora, até lhe posso sugerir um modêlo muito interessante: a filha dêles. Tem cêrca de dezoito anos e é muito atraente. Posso dizer, mesmo, que é verdadeiramente bonita.

Holt-Rymers apontou para o telefone. Virgil atravessou a sala e discou um número no aparelho. Quando Forrest respondeu, o investigador explicou o caso, aguardando alguns minutos enquanto Linda era consultada. Pouco depois, desligou e, satisfeito consigo mesmo, voltou-se para o anfitrião.

—O senhor já ganhou o que queria—anunciou.

O artista levantou-se, parecendo entusiasmado com a idéia.

—Dê-me alguns minutos para me vestir—disse êle.—Em seguida, iremos ao meu banco e faremos a tal opção em estilo legal, como mandam as regras. O senhor ficará com alguma coisa para mostrar a McCormack e, sem dúvida, êle desejará ver a opção. Como é que o vai convencer de que tem dinheiro para comprar as ações?

—Tenciono ficar calado. Terei de agir como se tivesse o dinheiro e, então, caberá a êle provar que não o tenho.

—Gostaria muito de estar presente a êsse explosivo encontro—comentou Holt-Rymers, saindo da sala.

Capítulo Décimo Primeiro

O escritório de O. W. Peterson, agente de valôres da bôlsa, encontrava-se em Beverly Mills; ao dirigir-se para lá, no seu carro, Tibbs sentia-se muito satisfeito com a sua idéia. Tinha no bôlso uma opção, completamente legal, permitindo-lhe comprar as ações de William Holt-Rymers. Isso solucionaria o caso do Sr. Walter McCormack, que não tinha tempo para receber policiais em serviço que, entre outras coisas, tinham a responsabilidade de o proteger, assim como os seus bens. E sem êsses seus bens, pensava, o austero Sr. McCormack teria grande dificuldade em viver neste duro mundo.

O tráfego era muito e movia-se com lentidão, especialmente depois de Tibbs ter passado o Hotel Beverly Hilton, na direção leste. Entrou no nôvo bairro de modernissimos arranha-céus e procurou um lugar no parque de estacionamento. Com seu registro da polícia, Tibbs poderia ter deixado o carro parado na avenida, mas o investigador era um firme crente no princípio de que os podêres da polícia são sempre acompanhados pelas obrigações da polícia. Dois blocos depois do seu destino, Tibbs encontrou um lugar, estacionando e retrocedendo a pé. Peterson estava no escritório e já o esperava quando êle chegou. Em contraste com o artista de quem se separara havia pouco, Tibbs sentiu uma hostilidade imediata. Essa hostilidade estava presente na secretária, que franzira a testa quando êle chegara, e no próprio Peterson, quando

Virgil entrou na sua sala. Verdadeiramente, sentira encontrar-se no campo do inimigo.

Peterson pesava quase cem quilos, com a maioria da gordura concentrada na cintura. Seus ombros eram largos e musculosos, típicos de um antigo jogador de futebol, mas era evidente que, ùltimamente, abandonara tôda e qualquer preparação física, com o resultado de ter engordado daquela maneira. Seu rosto ainda mantinha um aspecto atlético, mas o resto do corpo parecia desmentir seu passado. Peterson estendeu a mão, mole e desinteressadamente, sem a menor expressão de cordialidade. Indicou a Tibbs que se sentasse, parecendo não ter o menor interêsse em que êle o fizesse.

Em seguida, Peterson sentou-se numa poltrona e falou num tom de voz muito ríspido, pouco comum num vendedor de ações:

—Peço-lhe que seja breve, tenho um encontro marcado.

Tibbs olhou para êle, friamente, e sentou-se.

—O senhor tem um encontro marcado, sim: comigo. Esta manhã, um homem chamado Albert Roussel foi enterrado em São Bernardino. Como sabe, foi assassinado. Se o senhor me puder dizer imediatamente quem o assassinou, dando-me provas suficientes para assegurar uma condenação, eu terei o maior prazer em ser breve e sair do seu escritório. De outra forma, temos de conversar o tempo que fôr preciso.

—Nada tenho a dizer-lhe—exclamou Peterson.—É verdade que conhecia êsse homem e que tinha negócios com êle. O senhor sabe isso tudo ou não me teria vindo incomodar, mas não tenho qualquer espécie de evidência para lhe dar. Já não via Roussel há muito tempo... e nem sequer sabia que êle estava em nosso país.

Tibbs tirou do bôlso sua agenda, dizendo:—O senhor afirmou que não via o Dr. Roussel há muito tempo. Na verdade, há quanto tempo?

Peterson movia-se nervosamente na cadeira, como se estivesse fazendo um grande esfôrço para se controlar.—Será isso importante?—perguntou.—Não vejo como isso lhe pode dizer respeito.

Em vez de se mostrar irritado, Tibbs encostou-se para trás e pareceu sentir-se muito confortável. Quando falou, sua voz tinha um tom suave e controlado:

—Sr. Peterson, uma declaração como essa que acaba de fazer, a um agente da polícia investigando um crime de morte, é perfeitamente ridícula, como o senhor muito bem sabe. Se está tentando colocar-se sob suspeita, não há dúvida de que o está conseguindo.

Peterson curvou-se para a frente e levantou-se ligeiramente, salientando ainda mais as dimensões do corpo.

—O senhor, por acaso, estará aqui para julgar-me?—perguntou êle, quase gritando.

—Estou aqui para descobrir quem matou Albert Roussel e qual foi a razão que provocou êsse crime. Se, durante esta conversa, o senhor me convencer de que é o assassino, então, não hesitarei em prendê-lo e terá de ser julgado, arriscando-se a uma condenação à morte.

O agente passou a mão pelo rosto, dizendo:—Estive com Roussel na Europa, há cêrca de três meses. Tive de viajar por causa de um outro negócio e encontrei-o por acaso. Conversamos um pouco, mas nada dissemos de muito importante. Será que esta resposta lhe é suficiente?

—Durante êsse encontro—perguntou Tibbs—o senhor falou na emprêsa Patentes Roussel Inc.?

—Apenas superficialmente, muito superficialmente.

—Já que falamos dessa emprêsa, que pensa o senhor da oferta que foi feita para comprar as patentes?

Peterson encostou-se para trás e assumiu a posição adequada, que sempre assumia quando se preparava para aconselhar um cliente; sua voz tornou-se mais calma e segura de si:

—Recebemos uma oferta muito boa e recomendei que a aceitássemos. Particularmente agora, visto que o nosso inventor desapareceu. Mais tarde ou mais cedo, um dêsses jovens pesquisadores, num laboratório qualquer, inventará alguma coisa de nôvo e tudo o que temos agora poderá tornar-se obsoleto de um dia para o outro. No campo do investimento, conservar ações de uma companhia durante muito tempo pode vir a ser um êrro grave. O melhor é aceitar um bom lucro, quando isso é possível, e procurar nôvo investimento.

—Isso parece-me lógico—reconheceu Virgil.—Poderá dizer-me se o Dr. Roussel concordou com seu conselho? E note que eu disse "conselho", visto que o senhor é um profissional neste campo.

Aquêle toque elogioso produziu um efeito bem evidente.

—Francamente, nem sequer discutimos isso—informou Peterson. —Creio que a oferta nem tinha sido feita, ainda. Meu encontro com êle foi puramente social.

A pergunta que Tibbs formulou a seguir causou uma verdadeira surprêsa, conforme o investigador desejara:

—Sr. Peterson, há quanto tempo sua secretária trabalha aqui?

Os músculos do corpulento agente de valôres tornaram-se tensos. As volumosas mãos apertaram com fôrça os braços da poltrona.

—Posso saber qual foi a razão dessa sua pergunta?—retorquiu Peterson, tentando manter-se calmo.

Tibbs respondeu à pergunta de uma forma muito alusiva:—Tive

a impressão de que ela era nova, aqui no escritório—disse, falando com certa sinceridade.—Se estivesse aqui há muito tempo, é possível que eu também a desejasse interrogar.

Peterson respirou fundo, aliviado, e os músculos dos seus ombros voltaram à posição normal.—O senhor tem razão—disse êle. —Minha secretária é nova, só veio para cá há cêrca de dois meses, mas quero fazer-lhe notar que ela é secretária do escritório e nada tem a ver com os meus negócios pessoais.

Tibbs assentiu, indicando que a resposta fôra satisfatória, e levantou-se.—Muito obrigado pelo tempo que me concedeu—disse êle, saindo da sala tão ràpidamente que Peterson nem sequer teve tempo para se levantar e se despedir.

De regresso ao escritório, Virgil travou uma verdadeira luta contra o tráfego e, ao mesmo tempo, analisou os acontecimentos do dia, tentando separar as informações que recebera das mentiras que lhe haviam dito. Quando diminuiu a velocidade, dirigindo com maior prudência ao entrar nas apertadas curvas da auto-estrada de Pasadena, concentrou-se mais atentamente em três importantes fatos que algumas das pessoas com quem falara naquele dia lhe haviam dito sem terem a intenção de o fazer. Pela primeira vez, desde que fôra chamado para investigar o crime, Virgil Tibbs começava a vislumbrar uma solução para o caso, mas ainda não contava com dados suficientes que lhe permitissem sequer chegar a uma conclusão preliminar. Para isso, precisava de mais informações.

Durante os dois próximos dias, sabia-o bem, não se poderia dedicar ao problema: fôra convocado para comparecer ante o tribunal num caso de roubo que solucionara algumas semanas antes e isso, provàvelmente, tomaria grande parte do seu tempo, enquanto os processos da lei se ocupavam em proteger um homem cuja culpa era certa. Em vez de interrogar Walter McCormack, o detetive teria de concentrar sua atenção no interrogatório de um advogado, cujo único objetivo seria fazer-lhe cometer um êrro.

Bob Nakamura estava no escritório quando Virgil chegou, o que era muito conveniente.

—Preciso de nôvo da sua ajuda—disse Tibbs.—Você me poderia ser muito útil.

Bob puxou um bloco de apontamentos para junto de si e preparou-se para anotar as instruções.

—Estou pronto. Vá dizendo.

—Estou muito interessado num agente de valôres, um corretor, que vive em Beverly Hills. Chama-se Oswald Peterson.

—O jogador de futebol?

—Sim, êsse mesmo. Mas já deixou de jogar. Gostaria de saber tudo o que há sôbre sua situação financeira e sua vida pessoal. Se fôr casado, gostaria de saber se tem uma vida familiar estável. Procure averiguar, também, se isso fôr possível, qual foi a razão que o levou a mudar de secretária quando voltou da Europa há cêrca de dez semanas. Não creio que você possa descobrir que razão o levou a ir à Europa, mas tente também sabê-lo.

—Que espécie de cara é êle?—perguntou Bob.

—Bem, pelo menos sei que é um mentiroso ruim—respondeu Virgil.—É possível que não saiba mentir por simples falta de prática. Tratou-me como se eu fôsse um imbecil e, para falar a verdade, fiquei bastante ressentido.

—Compreendo perfeitamente. Vou ver o que consigo obter. Já sei que você foi convocado para o tribunal, amanhã, não é verdade?

Virgil concordou, respondendo:—Pelo menos amanhã, mas possìvelmente a coisa demorará alguns dias.

De um modo geral nunca se aborrecia quando tinha de ir ao tribunal, para depor no julgamento de um criminoso capturado por êle. Era parte do seu trabalho e, como profissional experiente, não receava os interrogatórios e as armadilhas que certos advogados lhe preparavam. Desta vez, porém, a coisa incomodava-o muito. Sabia perfeitamente qual seria a tese do advogado. O réu era culpado e o seu advogado sabia-o sem a menor sombra de dúvida, o que era de esperar. Assim, requerera que o julgamento fôsse efetuado perante um júri, o que era seu direito legal. Com doze cidadãos sentados no banco do júri, a maioria dos quais viera por certo de fora da cidade, era possível que um ou dois fôssem convencidos de que a testemunha de acusação, o próprio Virgil Tibbs, não era de confiança, por se tratar de um negro. Os advogados de defesa, habitualmente, não se serviriam de tal razão, mas aquêle que Tibbs ia enfrentar no dia seguinte não possuía êsse tipo de escrúpulo. Evocaria, com certeza, a côr do detetive.

Antes de sair do escritório e de voltar para casa, Virgil escreveu uma breve carta a Walter McCormack, informando-o de que William Holt-Rymers lhe concedera uma opção sôbre as ações da emprêsa e que desejava falar com êle sôbre o assunto. Assinou a carta, entregou-a ao mensageiro que se encarregava do correio e, em seguida, voltou para casa a fim de descansar e se preparar para a luta do dia seguinte.

Essa luta foi muito dura. Depois das demoras e formalidades habituais, Tibbs fêz sua deposição muito clara e concisamente, consciente de que todo o caso dependia do seu relatório. Quando o advogado de defesa se levantou, com um sorriso superior estampado no rosto, tornou-se evidente que Tibbs tivera razão ao recear aquêle tipo de argumentação.

O interrogatório começara com várias perguntas sôbre a vida profissional e pessoal de Virgil:

—Sr. Tibbs, como é que o senhor foi... selecionado... para entrar no Departamento da Polícia?...

—Pode dizer-me se sempre viveu na Califórnia, Sr. Tibbs?...

—Estou interessado em saber alguma coisa sôbre sua infância no Sul, Sr. Tibbs. Imagino que êsses anos de infância formaram as opiniões que hoje tem...

—Objeção!

—Objeção aceita.

—Então, retiro a pergunta. Sr. Tibbs, diga-me se voltou a visitar recentemente o Sul?

—Sim senhor. Lá estive há algumas semanas, investigando um crime de morte, felizmente com sucesso.

As perguntas sucederam-se interminàvelmente, com o advogado tentando encontrar um pouco fraco—para fazer com que o júri pensasse que as considerações raciais não poderiam ser inteiramente postas de parte com relação ao relatório que Tibbs apresentara ao Tribunal. Era muito raro que um detetive, depondo em tribunal, tivesse de encarar aquêle tipo de dificuldade. Virgil Tibbs sabia bem que se passaria muito tempo antes de se livrar dos problemas causados pelas diferenças raciais.

William Holt-Rymers encontrava-se numa situação muito mais confortável. Estava sentado na cozinha do clube, longe das desagradáveis formalidades do tribunal, conversando com os Nunn, bebendo café e estudando a luz que entrava pelas janelas. Sentia-se completamente à vontade. A nudez das pessoas que o rodeavam não o desconcertava. Antes pelo contrário. Na verdade, estava muito mais interessado no fato dessas pessoas compartilharem a sua opinião sôbre Virgil Tibbs, como detetive e como homem.

—Sempre desejei visitar um clube de nudistas—disse êle, mudando de conversa.—As atmosferas fechadas matam as boas pinturas; aqui, os senhores têm todos os ingredientes necessários para eu pintar melhor e com maior liberdade. Gauguin provou o mesmo, embora em circunstâncias bastante diferentes.

—O senhor está referindo-se à pintura *Montanha de Taiti*... não é verdade?—disse Forrest.

William Rymers assentiu, parecendo ter ficado um pouco surpreendido pelos conhecimentos de Forrest Nunn.

—Essa e muitas outras telas—respondeu William.—Alguns dos modelos de Gauguin foram verdadeiras dádivas do céu e, para

ser justo, devo dizer que êle soube servir-se dêsses modelos da melhor maneira possível.

O pintor acabou de beber o cafèzinho e aceitou nova xícara, continuando a falar:

—Sinceramente, considero-me muito feliz por poder estar aqui. Só cheguei há dez minutos e já encontrei um modêlo digno da atenção de qualquer artista.

Linda ruborizou-se com o cumprimento e pareceu ficar muito contente. Já fôra fotografada várias vêzes por excelentes fotógrafos profissionais, mas nunca imaginara poder ver-se através das côres e da interpretação de um pintor.

—Poderei pedir-lhe que ma empreste por uma ou duas horas? —perguntou Rymers.

Forrest olhou para Linda, que assentiu com um gesto rápido.

—Claro que sim, Bill. Você veio aqui para isso mesmo. E já sabemos que podemos confiar em você.

—Virgil disse-nos que o senhor era de tôda a confiança—informou George, falando num tom um pouco ingênuo.

—É muito possível que os senhores se aborreçam com a minha presença—advertiu Rymers.—Parece-me que vou pintar várias telas.

—Será uma grande honra—disse Emily, falando em nome de tôda a família.—Quer comer alguma coisa?

—Não, muito obrigado. Mais tarde talvez, se me permitirem. Agora, estou ansioso para começar.

—Posso ir ver?—perguntou a pequena Carole.

—Só se você prometer ficar absolutamente quieta e sem dizer palavra.

—Prometo.

—Perfeito. Então, logo que estiver pronta, Sr.ª Nunn, poderemos ir procurar um local conveniente e começar.

—Eu?—perguntou Emily, muito perplexa.

—Sim, a senhora—respondeu Rymers, num tom de voz muito firme.

No dia seguinte, Tibbs não teve um minuto de descanso; o julgamento continuara. Entretanto, George Nunn, depois de ter esperado impacientemente alguns dias, um intervalo que êle considerava razoável, telefonou a Ellen Boardman e convidou-a para sair. Um pouco hesitante, a môça aceitou. A hesitação era devida, talvez, ao luto recente em que se encontrava, ao fato de o conhecer havia muito pouco tempo ou, ainda, em virtude de êle viver e trabalhar num clube de nudistas.

Disposto a causar uma boa impressão, vestiu-se com grande esmêro e, contra seu hábito, saiu do clube de paletó e gravata. Quando chegou à casa de Ellen, ficou conversando com os pais da môça durante quase uma hora e decidiu que eram pessoas muito agradáveis. A seu pedido, contou uma vez mais a descoberta do cadáver, bem como a sua vã tentativa para reanimá-lo, lembrando-se, ao falar, de que estava descrevendo a morte do irmão da mãe de Ellen. Quando acabou a descrição, que esperava estar fazendo pela última vez, sentiu uma certa compreensão, muito serena e tranqüila, naquele casal que procurava reajustar-se ante aquela tragédia. Não tinha dúvida de que simpatizava com os pais de Ellen e esperava com ansiedade que êles também gostassem dêle.

Finalmente, despediu-se e, ao volante do automóvel do pai, com Ellen ao lado, dirigiu-se para São Bernardino, mostrando-se especialmente prudente nas curvas da perigosa estrada da montanha. Já na cidade, os dois jovens jogaram golfinho durante algum tempo, jantaram e, em seguida, foram a um cinema. Depois de terminada a sessão, George, lamentando-o profundamente, tomou o caminho de regresso e começou a lenta subida da montanha. Nessa noite, não se estava preocupando com a distância ou o tempo que a viagem duraria; sentia uma espécie de excitação, especialmente quando Ellen se curvava para trás e o vento agitava os seus cabelos. A môça fechara os olhos e George diminuiu a velocidade, para que aquêle momento se tornasse mais longo.

—Que vai você fazer?—perguntou ela, sùbitamente.

—Fazer? Com a minha vida, é isso que você quer dizer?

—Sim.

—Tenciono ser arquiteto naval; estudei a especialidade na universidade. Gosto muito do mar e de tôda a espécie de navios. E gosto de navios, creio, pelo fato de navegarem e de nunca ficarem no mesmo lugar. Mesmo que seja ir a Catalina e regressar, todos os fins de semana, isso representa movimento, para mim; alguma coisa de dinâmico que não é sempre igual.

Ellen abriu os olhos e voltou-se para êle, dizendo:—Quando eu era mocinha, costumava sonhar com partir sòzinha num barco à vela e atravessar o Pacífico, para ver o mundo.

—É um sonho maravilhoso—retorquiu George.—Você não o deve perder. Há muita gente que pensa da mesma maneira. A única coisa que torna difícil realizar êsse sonho é o seu custo: é preciso muito tempo e dinheiro. Mas, afinal, isso sucede com tudo...

—Eu nunca tive muito dinheiro e, para falar com franqueza,

não desejo ser rica—respondeu Ellen.—Alguns dos hóspedes do nosso hotel são muito ricos e, na verdade, não são muito simpáticos. Essa gente, por vêzes, causa certos problemas.

—O mesmo sucede conosco. Nós temos êsses mesmos problemas e mais alguns, por se tratar de um clube de nudistas. Ainda existem algumas pessoas que pensam que os nudistas são uma espécie de... —George, embaraçado, calou-se a meio da frase.

—Compreendo perfeitamente—disse Ellen, fazendo uma pausa que levou George a perguntar a si mesmo se a ofendera ao mencionar o clube de nudistas. Depois, a môça perguntou:—George, como é que você e sua família se meteram nesse... tipo de negócio?

—Convicção pessoal... penso que essa é a melhor resposta. Estou certo de que você não concorda com as nossas opiniões, mas deveria considerar certos aspectos. Por exemplo, deveria pensar nas roupas que as pessoas usavam nas praias há algumas décadas. Agora já estão chegando ao ponto de se mostrarem como sêres humanos, sem terem vergonha dos seus corpos.

—Mesmo assim, andar em frente de outras pessoas sem roupa...

George não insistiu sôbre o assunto; estava demasiado satisfeito com a companhia da môça e gostava muito dela, como era. Já perto da casa de Ellen, no alto de uma colina, depois de uma curva muito ampla, a lua, que estivera encoberta por uma nuvem, revelou-se-lhes por completo e iluminou-os com seu brilho frio e impessoal.

Ellen apontou para uma pequena plataforma à beira da estrada, dizendo:—Gostaria que parasse um pouco...

George não se fêz esperar e saiu da estrada imediatamente, aplicando os freios e estacionando no ponto que ela indicara.

—Sempre gostei muito dêste local—disse Ellen, falando com grande simplicidade.

George desceu do automóvel, deu a volta e abriu-lhe a porta do outro lado, dando-lhe a mão para que ela descesse. Os dois jovens começaram a andar em direção ao parapeito de pedra que dava para o precipício e George, muito perto da môça, pensou em tocá-la; não o fêz, porém, por sentir que seu gesto não seria bem recebido—pelo menos, por enquanto.

Aquela paisagem da montanha era verdadeiramente espetacular. Embora o luar não fôsse suficiente para que pudessem distinguir todos os pormenores, na distância, as luzes da cidade e da Base Aérea de Norton eram bem visíveis e estendiam-se como um tapête de jóias naquela noite de sonho.

Ellen sentou-se sôbre o parapeito e olhou para baixo. George, observando-a, admirou seu perfil e, também, o porte sereno e tão

harmonioso. Seu espírito foi atravessado por novas idéias, apesar daquela ser apenas a segunda vez que a via. Não havia dúvida de que sentira qualquer coisa de nôvo pela môça. Passado algum tempo, o rapaz olhou para o relógio.

Ellen notou o gesto e perguntou ràpidamente:

—Que horas são?

—Meia-noite e cinco.

—Mais um nôvo dia—comentou Ellen, levantando-se.

—Sim, um nôvo dia—respondeu êle, decidindo compartilhar com ela um pequeno fato pessoal:—É o dia do meu aniversário—acrescentou êle.

—Os meus parabéns e muitos outros anos felizes...—disse Ellen, enquanto se dirigiam para o carro.

—Sim, tenho esperança de que sejam muitos e, também, de passá-los na mesma companhia.—George calou-se consciente de que revelara os seus pensamentos, logo acrescentando:—O que eu quis dizer... é que isto parece a melhor maneira de começar um nôvo dia.

A môça olhou para êle.—Você foi muito gentil ao dizer isso—retorquiu ela, sorrindo. Em resposta, George também lhe sorriu e, então, Ellen parou a meio caminho e, sùbitamente, voltou-se para êle.

—Muitos parabéns—repetiu, levantando a cabeça e abrindo ligeiramente os lábios.

Tratava-se de uma das poucas coisas impulsivas que ela jamais, fizera. Não tinha o hábito de se deixar beijar, exceto por amigos de longa data e, mesmo assim, muito raramente.

Para George, Ellen tornara-se, naquele momento, imensamente desejável. Ao beijar aquêles lábios tão quentes, sentiu uma grande emoção, um verdadeiro choque elétrico, tendo de se dominar para não esmagar a bôca de Ellen naquele longo beijo.

Nesse instante, um automóvel surgiu na curva e iluminou tôda área com seus potentes faróis. George continuou abraçado à môça durante aquêle momento e até depois do carro desaparecer na curva seguinte. Só então é que, muito suavemente, libertou a môça do apaixonado abraço e, pouco seguro de si, quase não se agüentando nos pés, deu-lhe a mão e dirigiu-se para o automóvel.

Quando a deixou em frente da casa dos pais, George nem sequer tentou beijá-la de nôvo. Desejou-lhe uma boa noite e voltou para o clube, muito contente consigo mesmo e com o mundo. O próximo passo seria descobrir se Ellen sabia navegar um barco. Se não o soubesse, George depressa a ensinaria.

Capítulo Décimo Segundo

QUANDO VIRGIL TIBBS chegou, alguns minutos depois das oito da noite, para falar com Walter McCormack, encontrou Walter Brown esperando por êle no portão do jardim. Ao vê-lo chegar, o motorista reconheceu-o imediatamente e abriu o portão que dava acesso à pequena pista de asfalto que conduzia à residência. Tibbs parou ao seu lado a fim de lhe agradecer.

—Recebi ordens para deixá-lo entrar—disse Brown.—Como é que o senhor conseguiu ser convidado?

—Deu-me um certo trabalho—confessou Virgil—mas êle convidou-me e, assim, ninguém vai ser despedido.

—Isso eu já sabia—retorquiu o motorista—mas também gostaria de saber que truque o senhor usou para o convencer. Pode estacionar diante da porta. Não esperamos outras visitas...

Virgil parou onde o motorista lhe indicara e, descendo do carro, ficou imóvel por um momento, respirando o ar do mar e admirando a paisagem do oceano. Depois, lamentando ter de dedicar tôda sua atenção ao assunto que ali o levara, tocou a campainha e esperou que lhe abrissem a porta.

Walter McCormack aguardava-o no escritório; o milionário estava sentado detrás da grande mesa de trabalho e não parecia ter grande pressa em levantar-se. Tratava-se de um homem muito magro e de pequena estatura, provàvelmente com pouco mais de setenta anos. Estava vestido de um modo muito conservador; seu rosto era magro, também, e parecia dividido ao meio por um longo nariz, desproporcionado em relação ao rosto. Por um breve momento, Virgil pensou em Lombroso, o criminologista italiano que afirmava que o caráter de uma pessoa é sempre revelado pelas feições do rosto. Embora essa teoria tivesse sido abandonada havia já muito tempo, Walter McCormack tinha, na realidade, o aspecto de um aristocrata, habituado a impor sua vontade aos outros. Depois de Tibbs já se encontrar a meio da sala, McCormack levantou-se, finalmente, e estendeu-lhe a mão, dizendo formalmente:—Faça o favor de sentar-se, Sr. Tibbs.

Esperou que o convidado se instalasse confortàvelmente e, em seguida, começou a falar como se não tivesse um momento a perder.

—Seria melhor se abordássemos imediatamente o assunto que nos interessa, não desperdiçando o nosso precioso tempo. Estamos ambos perfeitamente conscientes de que a opção que o senhor possui não é mais do que uma artimanha para chegar à minha

presença. O senhor é um detetive de boa reputação, mas sem quaisquer recursos financeiros. Não poderia, de forma alguma, exercer a opção que obteve e que, por conseguinte, não tem a menor validade.

—Tem tôda a razão—concordou Virgil, permanecendo impassível.

—Muito bem. Deixe-me acrescentar que, se eu tivesse sido avisado anteriormente de que um detetive em missão oficial me procurava, o senhor não teria sido obrigado a meios tão extremos e ridículos para conseguir falar comigo. Tenho de lhe pedir que me desculpe. As instruções que dei ao meu pessoal não previam uma tal contingência.

—Confesso que estou muito aliviado por ouvi-lo dizer isso, Sr. McCormack—respondeu Tibbs.—Só muito raramente é que um cidadão respeitável se recusa a receber um policial.

—Òbviamente. Agora, em que posso ajudá-lo?

Virgil abriu sua agenda; com êste homem, o investigador não tinha qualquer receio dos resultados psicológicos daquele gesto:

—Como já deve ter calculado, estou investigando a morte do Dr. Albert Roussel.

—O senhor é o detetive encarregado oficialmente do caso?

—Sou, sim, pelo menos por enquanto.

—Perfeitamente. Então, que perguntas me quer fazer?

—Conhecia bem o Dr. Roussel?

—Muito bem... Conhecia-o há muitos anos.

—Poderá dizer-me se, que o senhor soubesse, êle tinha alguns inimigos no nosso país, inimigos êsses que pudessem estar aguardando o seu regresso?

—Certamente que não. Duvido de que êle tivesse um único inimigo no mundo. O Dr. Roussel tinha o dom de se tornar agradável a tôda a gente e, sempre que chegava a um lugar, fazia amigos imediatamente. Além disso, nada havia no seu trabalho que pudesse provocar qualquer ódio.

Virgil Tibbs ficou calado durante um momento, pensando na pergunta seguinte e, ao mesmo tempo, admirando a magnífica pintura, uma paisagem marinha, que se encontrava na parede, por cima da lareira.

Finalmente, perguntou:—Haverá alguma possibilidade de ter êle antecipado as patentes ou a pesquisa de qualquer outra pessoa... inocentemente, claro está?

McCormack sacudiu a cabeça e encostou-se para trás, instalando-se mais confortàvelmente.—Isso é extremamente duvidoso. Se existisse qualquer pesquisa paralela em curso, estou certo de que eu teria sido informado. O Dr. Roussel foi sempre muito avançado

e original no seu trabalho de pesquisa, procurando sempre novos campos dentro da sua especialidade e encontrando-se sempre à frente dos seus colegas.

Virgil anotou o que dissera o Sr. McCormack, escrevendo durante alguns segundos antes de voltar a falar.

—Permita-me que peça a sua opinião, Sr. McCormack, quanto à oferta para a compra da emprêsa Patentes Roussel?

McCormack olhou-o de soslaio, com uma expressão de evidente astúcia.—O senhor não estará pensando em tentar vender a sua opção, pois não?

Tibbs sacudiu a cabeça num gesto negativo, não fazendo qualquer comentário.

McCormack prosseguiu:—A oferta foi feita, na sua origem, com a suposição de que o Dr. Roussel continuaria ativamente a desenvolver suas pesquisas no campo da química fotográfica. Isso, agora, é impossível, naturalmente. Apesar dessa desgraça, as patentes que se encontram em nosso poder são essenciais para a indústria e terão grande valor durante ainda muito tempo. Os direitos que nos vêm pagando aumentam de ano para ano e não há qualquer indicação de uma descida. Será que esta informação lhe é suficiente?

—Creio que sim. Como o senhor é o gerente da emprêsa, penso que poderá dizer-me o que vai acontecer com as ações pessoais do Dr. Roussel.

McCormack tornou-se pensativo e, passado um momento, respondeu:—Não vejo que mal possa haver em dizer-lho. A informação será tornada pública dentro de alguns dias e, claro, compreendo perfeitamente a importância da investigação que o senhor está fazendo.

McCormack moveu-se na cadeira e empertigou-se ligeiramente. Era um homem de pequena estatura, de fato, mas tinha em sua volta uma espécie de halo de dignidade que dava a medida da sua fôrça.

—O Dr. Roussel só tinha um parente próximo, sua irmã Margaret, de quem era muito íntimo. Todavia, por razões muito compreensíveis, essa irmã não é a sua herdeira.

Virgil franziu o sobrolho e aguardou a continuação.

—Margaret é casada e tem uma filha, uma môça muito simpática e bem-educada. Não sei se conhece êste hábito, senhor Tibbs, é possível que sim, mas quando estão em jôgo quantias de dinheiro muito importantes, é habitual passar em branco uma geração ao fazer um testamento. Se eu tivesse a sorte de ter descendentes, por exemplo, deixaria a minha fortuna ao meu neto. Por outro lado, tôda a família compreenderia, como fato natural,

que meu filho poderia usar e administrar os fundos, enquanto vivesse e permanecesse capaz de o fazer. Depois da sua morte, meu neto passaria a ocupar-se de tudo e assumiria a posse da fortuna sem ter a necessidade de pagar mais impostos. O Dr. Roussel observou êsse princípio ao deixar a fortuna à sobrinha. Na realidade, Margaret pertence à sua própria geração e, desta forma, a herança só desceu um degrau, em vez de dois.

Virgil Tibbs ficou silencioso durante alguns segundos, perguntando em seguida:—O senhor acha que a sobrinha, Sr.ta Boardman, será ouvida no que respeita a essa herança? Bem, desculpe, eu creio que não apresentei corretamente a pergunta. O que eu queria perguntar era se a mãe da Sr.ta Boardman assumirá automàticamente o contrôle total da fortuna ou se a sobrinha, antes disso suceder, será consultada...

Desta vez, McCormack teve de pensar um bom instante antes de responder.

—Conhecendo a família, como eu conheço, acho que Ellen será considerada como a verdadeira herdeira e que seus pais só a aconselharão se forem consultados. O Sr. Boardman está aposentado, sendo um homem que faz exatamente aquilo que deseja, o mesmo sucedendo, em grande parte, com a espôsa. Têm todo o dinheiro de que precisam para viver confortàvelmente. São genuìnamente felizes, não tendo grandes desejos de viajar pelo mundo ou de qualquer outra coisa dispendiosa.

—Um casal a ser invejado—comentou Tibbs.

—Concordo inteiramente.

Nesse instante, uma empregada entrou na sala trazendo com ela uma pequena caixa e um copo de água. McCormack abriu a caixa, escolheu um comprimido e meteu-o na bôca. Depois de beber a água e de entregar a caixinha e o copo à empregada, voltou-se para Tibbs e perguntou:—Que deseja beber?

—Qualquer refrêsco que esteja bem gelado, se isso não causa muito incômodo—respondeu Virgil, sabendo bem que não podia recusar a oferta.

Depois da empregada sair da sala, Tibbs voltou ao assunto que o interessava:—Sr. McCormack, preciso de discutir consigo, agora, um ponto que considero inteiramente confidencial.

—Muito bem—respondeu o financista, assentindo.

—O senhor está ao corrente, naturalmente, de que existe, ao que parece, um desacôrdo de opinião entre os acionistas da emprêsa no que se refere à venda da mesma.

—Sim. A Sr.a Pratt e o Sr. Peterson desejam vender; o Sr. Holt-Rymers e eu sempre fomos contra essa idéia.

—Assim—disse Virgil—o desempate caberia ao Dr. Roussel. Saberá dizer-me, por acaso, como é que o Dr. Roussel ia votar?

—Sei, sim. O Dr. Roussel também se opunha à venda.

—Trata-se de uma opinião sua, Sr. McCormack, ou de um fato conhecido e declarado?

—Não existe qualquer dúvida sôbre êsse ponto. O fato é conhecido e todos nós estávamos ao corrente. O Dr. Roussel escreveu-me sôbre o assunto, declarando suas intenções. Poderei apresentar a carta, se o desejar.

Virgil Tibbs sentiu um grande alívio. Conseguira averiguar um fato muito importante. Procurou manter-se impassível, fazendo um esfôrço para não mostrar sua satisfação.

—De momento, pelo menos, sua declaração é perfeitamente suficiente—disse êle, acrescentando:—Agora, desejo mencionar outro assunto. Quando visitei a Sr.ª Pratt, há alguns dias, ela disse-me que ia casar com o Dr. Roussel dentro de pouco tempo, parece que logo depois da assembléia da emprêsa. Poderia êsse fato ter mudado a opinião do Dr. Roussel sôbre a venda das ações?

McCormack empertigou-se sùbitamente, exclamando com grande ênfase:—Não acredito! Entenda-me bem: não duvido de que a Sr.ª Pratt lho tivesse dito, Sr. Tibbs, mas devo dizer que não acredito na veracidade dessa afirmação. Não posso aceitar a idéia de tal casamento. Há muitos anos, é verdade, Albert nutriu um grande interêsse por ela... uma espécie da paixão de colegial. Mais tarde, porém, êsse sentimento desapareceu completamente e, para Albert, Joyce passou a ser apenas uma amiga. Ela ajudou a organizar e a financiar a companhia por saber que se tratava de um bom negócio, mas as suas relações com Albert eram estritamente comerciais.

—O senhor diria, então, que a Sr.ª Pratt me mentiu?—perguntou Tibbs.

McCormack respondeu sem a menor hesitação:—Não posso interpretar afirmação dela de outra maneira. Se Albert tivesse pensado em casar com a Sr.ª Pratt, estou certo de que teria me informado, visto que o assunto, embora pessoal, também interessava à companhia. Eu diria, também—falou ainda McCormack—que o Dr. Roussel e eu éramos amigos bem mais íntimos do que muita gente pensava, incluindo a Sr.ª Pratt.

A empregada voltou a entrar na sala, trazendo uma bandeja com refrescos, que colocou ao lado de Tibbs. Não sabendo quais eram as preferências do detetive, trouxera duas ou três marcas de cerveja, quatro refrescos diferentes e vários copos de diversos tamanhos, alguns dêles cheios de gêlo. Quando Virgil indicou que preferia uma limonada, a empregada abriu a garrafa e encheu

um dos copos que se encontrava completamente gelado. Em deferência para com seu convidado, McCormack escolheu a mesma bebida e, depois, aguardou até se encontrarem de nôvo a sós, indicando a Tibbs, depois de a empregada voltar a sair, que podia prosseguir.

—E o Sr. Peterson?—perguntou Tibbs, sabendo que McCormack compreenderia que gênero de informação êle desejava.

—Trata-se de um oportunista, cafajeste e pouco merecedor de confiança. Teve um sucesso inicial relativo, como corretor de ações, sucesso êsse baseado inteiramente na sua reputação de jogador de futebol. Depois, sua vida tornou-se mais difícil e sua fama foi sendo esquecida. Aconselhou mal vários clientes e êstes perderam muito dinheiro. Juntou-se ao nosso pequeno grupo depois de ter conhecido Joyce Pratt, numa recepção, e pareceu ter ficado fascinado pelos seus podêres de sedução, se é que ela os tem, o que me parece duvidoso.

—No meu caso, as dúvidas são grandes—concordou Tibbs.—Sabe dizer-me se o Sr. Peterson é casado?

—Sim, é casado, mas creio que está se divorciando.

—O pedido de divórcio é recente?—perguntou Tibbs com grande interêsse.

—Sim, embora os problemas já existam há muitos anos, pelo que sei.

—Considera que o Sr. Peterson é uma pessoa honesta e de confiança nas suas declarações?

—Receio ter de dizer-lhe que êle sempre diz o que mais lhe convém, segundo as vantagens que possa tirar.

—O senhor saberá, por acaso, que razão o levou a ir à Europa há cêrca de três meses?

—Êle disse-me que se tratava de uma viagem de negócios, mas eu não conheço negócio algum que lhe pudesse requerer tal viagem.

—Gostaria, agora, de lhe fazer uma pergunta que não tem relação direta com o caso. Peço-lhe que me desculpe a indiscrição, mas sua resposta talvez me ajude a esclarecer uma dúvida: onde é que os senhores costumam realizar suas assembléias, ou quaisquer outras reuniões de negócios?

—Aqui, possìvelmente em virtude do respeito que é devido à minha idade. Tenho por hábito enviar meu carro para apanhar a Sr.ª Pratt. Os outros vêm sempre pelos seus próprios meios.

Tibbs saboreou sua limonada. Tinha a garganta sêca de tanto falar. Quando acabou de beber, prosseguiu:—O senhor foi muito cooperativo e estou-lhe imensamente agradecido. Para terminar,

poderá dizer-me se tem alguma idéia de quem teria uma razão para assassinar o Dr. Roussel?

McCormack encostou-se para trás e tornou-se pensativo.—Não —disse êle, finalmente.—Tenho uma suspeita, mas é uma suspeita injusta e não tenho qualquer prova ou evidência que a possa confirmar.

Depois de alguns momentos de silêncio e quando acabou de beber sua segunda limonada, Virgil Tibbs levantou-se, dizendo:

—Se fôr necessário ou desejável eu voltar a falar consigo, Sr. McCormack, poderei telefonar-lhe?

McCormack olhou para êle durante alguns segundos e só depois lhe respondeu:—Claro que pode. Suponho que o senhor, como tôdas as outras pessoas, considera que êste meu desejo de estar só é arbitrário. Permita-me que lhe assegure que isso não é verdade.—McCormack fêz uma pausa e saboreou a bebida. Depois, prosseguiu:

—Costumo fechar-me aqui, nesta casa, jamais recebendo visitas, por fôrça das circunstâncias. Minha espôsa morreu. Não tenho filhos. Não tenho quaisquer parentes vivos, que eu saiba. Possuo recursos financeiros muito substanciais e essa é a origem das minhas dificuldades.

Fêz nova pausa, mas Tibbs não o interrompeu e, logo em seguida, recomeçou a falar:

—O senhor nem pode imaginar como tenho sido incomodado por pedidos e exigências de dinheiro. Alguns dêsses pedidos eram justos, naturalmente, mas os outros eram totalmente egoístas e descabidos. O fato de eu estar a envelhecer e de não ter herdeiros concentrou tôdas as atenções sôbre mim. Minha casa tem sido invadida por diversas pessoas, procurando falar comigo e extorquir-me dinheiro. Imagine que até já encontrei intrusos no meu quarto, durante a noite. Tenho sido sujeito a todos os truques e subterfúgios imaginários; não me seria difícil escrever um tratado definitivo sôbre a ganância humana. Essa ganância, essa cobiça, não tem limites, Sr. Tibbs, e por vêzes é absolutamente inconsciente. O dinheiro, como o senhor sabe melhor do que eu, pode levar às piores coisas, até mesmo a um crime de morte. A minha única defesa, nestes últimos tempos, tem sido fechar-me nesta casa e abandonar os prazeres habituais que se encontram para lá dos meus portões. Sou bem tratado, aqui, e o meu pessoal está todo mencionado no meu testamento, todos êles com quantias generosas, embora não o saibam.

Virgil ouvira com grande atenção tudo o que McCormack lhe dissera e pensava ter apreendido o verdadeiro significado das suas palavras. Sua compreensão levou-o a dizer:—Muito obrigado

pela sua ajuda. Prometo-lhe que, se isso me fôr possível, respeitarei a sua solidão. Compreendo suas razões, posso dizer-lhe que não gostaria de trocar o meu lugar pelo seu, mesmo se eu pudesse fazer... em todos os respeitos.

McCormack compreendera a insinuação.—Seu dia, meu amigo, está chegando—disse êle.—As restrições que têm sido impostas à sua raça já estão desaparecendo, como é justo. E, de todos os modos, o senhor também não gostaria de trocar a sua idade pela minha.

McCormack levantou-se e, pela primeira vez desde a chegada do detetive, saiu detrás da mesa de trabalho e avançou para o centro da sala, aproximando-se de Tibbs. Êste notou que êle andava com certa dificuldade e olhou para os seus pés.—Por favor, não...—começou êle a dizer, depois de ter verificado um fato surpreendente.

McCormack interrompeu-o, indicando-lhe que se calasse dizendo:—Perdi as minhas pernas há mais de cinqüenta anos e tenho conseguido mover-me sem elas, desde então.—Aproximou-se mais do detetive e estendeu-lhe a mão.—Minhas pernas foram cortadas por um trem de carga. Investi a indenização que recebi e tive muita sorte. Comprei minha independência com o resultado do acidente.

Virgil regressou a sua casa com uma curiosa mistura de emoções. Gostara de Walter McCormack, embora tivesse sido advertido de que iria encontrar um aristocrata muito duro e inflexível. Em virtude de ter simpatizado com êle, além de outras razões, esperava sinceramente que o financista lhe tivesse falado a verdade.

Capítulo Décimo Terceiro

Pouco depois das nove horas da manhã seguinte, que era sábado, Walter McCormack fêz pessoalmente uma chamada telefônica interurbana. Poucos minutos mais tarde, seu confortável Cadillac prêto levava-o para fora da sua propriedade, a caminho do Hotel Pine Shadows, onde chegou duas horas depois. O motorista, Walter Brown, abriu a porta do automóvel e ajudou o patrão a descer. Depois, durante quase uma hora e meia, o financista conversou com Ellen Boardman e seus pais.

Quando a reunião terminou, Ellen deixou McCormack a falar com os pais e, saindo do hotel, foi passear por entre as árvores do jardim. Sacudiu a cabeça e, quase mecânicamente, puxou o cabelo para trás. Parecia estar muito perplexa, alheia a tudo o que

a rodeava. Começava a compreender que a riqueza, herdada tão repentinamente, não se adaptava à sua própria visão da vida.

Fôra-lhe dito e redito, durante aquela reunião, que a responsabilidade era dela e que, por isso, a teria de assumir: não havia dúvida alguma de que Ellen teria de se ocupar pessoalmente da inesperada fortuna. Walter McCormack oferecera-se para orientá-la e ajudá-la, mas Ellen não se sentia preparada para o papel de herdeira.

Só então reparou que o luxuoso automóvel prêto, como um símbolo da sua nova posição na vida, estava parado diante da sua porta. Viu também que o motorista, um negro, se encontrava sentado ao volante. Ellen olhou para o homem e a máquina, tentando acalmar-se e controlar os pensamentos.

O fato do motorista ser um negro trouxe-lhe à memória a imagem de Virgil Tibbs, êsse notável homem cuja inteligência e delicadeza ela tanto apreciara. Hesitando, a môça aproximou-se mais do carro e, quando o motorista olhou para ela, desejou-lhe um muito bom dia.

—Bom dia, menina Ellen—retorquiu Brown.

A môça notou imediatamente que o sotaque do motorista não era igual ao de Virgil Tibbs; o detetive falava com maior distinção e mesmo maior fluência.

—Quer entrar?—perguntou Ellen.—Aceita um refrêsco?

—Não, muito obrigado—respondeu Brown.—Estou muito bem aqui, mas fico-lhe muito agradecido.—O motorista sorriu-lhe, ao falar, mas não com a naturalidade de um igual; Brown não era, decidiu Ellen com certa pena, um outro Virgil Tibbs.

Depois, como se consciente de que fôra Ellen quem iniciara a conversa, o motorista fêz um esfôrço para ser agradável:—Seu hotel é muito bonito...

—Sim, gostamos muito dêle—respondeu Ellen—e os nossos hóspedes também parecem sentir-se muito bem aqui...

—Isso é muito compreensível—comentou Brown.—Eu sempre gosto de ver árvores e muita vegetação em volta de uma casa.

Ellen também gostava.—Esta região está cheia de árvores e de paisagens impressionantes. Logo mais, na viagem de regresso, devia parar num lugar que sempre me entusiasmou. Volte à esquerda, quando chegar ao final da primeira descida e encontrará um pequeno parque de estacionamento. A paisagem, vista dêsse lugar, é espetacular. Eu sempre paro um pouco, quando passo por lá.

—Gostaria muito de fazer isso, menina Ellen—respondeu Brown —mas seria melhor se o dissesse ao Sr. McCormack. Eu só paro quando êle o deseja. Se êle não quer parar, não paro mesmo.

Essa resposta deixou Ellen gelada e fêz com que ela se arrependesse de ter iniciado a conversa. Quisera ser amável, mas só conseguira salientar a posição inferior do motorista. Antes de poder pensar mais no assunto, a porta abriu-se atrás dela e Walter McCormack saiu para o jardim.

O financista fêz um gesto a Brown e disse:—Voltamos para casa.—Em seguida, falou a Ellen:—Creio que já discutimos todos os pormenores e, Ellen, pode estar certa de que eu sei como você se está sentindo. Já sofri uma reação semelhante, embora as circunstâncias fôssem outras. Não se preocupe demasiado, mas tenha sempre presente as coisas que eu lhe disse. Se acontecer qualquer coisa que não saiba resolver, não hesite e telefone-me imediatamente. Seus pais têm o meu número.

Brown abriu a porta e McCormack foi sentar-se no banco de trás, encostando-se a dois confortáveis almofadões. Poucos segundos mais tarde, quando o automóvel ainda não desaparecera na distância, o telefone tocou. Ellen respondeu e verificou que se tratava de George Nunn.

—Gostaria muito de vê-la esta noite—disse êle.—Você está livre?

Advertida dos perigos da fortuna, como ela o fôra, Ellen pensou por um breve momento que o interêsse do rapaz poderia ter sido causado pela sua súbita transformação em herdeira. Depois, compreendeu que êle não podia saber o que acontecera e que, por certo, nada havia nêle do caçador de fortunas.

—Qual é o seu programa?—perguntou ela.

—Temos um baile aqui no clube, esta noite. Gostaria imensamente que você viesse. Será um baile "vestido"—acrescentou êle ràpidamente—mas nada de muito formal.

Ellen hesitou e, depois, decidiu aceitar o convite. Desejava ver George de nôvo e, desta vez, no seu elemento natural; a oportunidade seria excelente, visto que todo o mundo estaria vestido. Embora tivesse visitado uma colônia de nudistas, certa vez, se bem que muito ràpidamente, Ellen ainda tinha uma grande curiosidade no que se referia ao ambiente geral de um clube daquele tipo. Assim, aceitou e os dois jovens combinaram a hora do encontro.

Mas tarde, enquanto tentava decidir que vestido usar essa noite, Ellen começou a pensar em Virgil Tibbs, perguntando a si mesma se êle teria obtido algum resultado na investigação da morte do seu tio. Ainda havia uma certa possibilidade de George ou um membro da sua família estar envolvido no caso. Era possível, também, mesmo sem qualquer interferência no próprio crime, que um dêles estivesse ocultando qualquer fato referente às circunstâncias ou motivos do mesmo. Ellen olhou para o calendário e certificou-se de que era sábado. Supôs imediatamente que o trabalho de encontrar o assassino teria sido interrompido durante o fim de semana.

Nisso, Ellen enganara-se, pois Virgil Tibbs já se encontrava no seu escritório havia mais de duas horas, estudando os apontamentos que tomara durante as entrevistas realizadas e tentando encontrar uma pista, nas poucas informações que conseguira. Tinha um jornal em cima da mesa; na primeira página, uma pequena notícia relatava a condenação do homem contra quem Virgil testemunhara no comêço da semana. Isso encerrava o caso, a não ser que o libertassem sob palavra, demasiado cedo, o que o levaria, pensava Tibbs, a ter de encontrá-lo de nôvo, visto que aquêle tipo de homem nunca se corrigia. O crime era o único modo de vida, a única profissão, que o condenado conhecia,

O correio chegara pouco antes e Virgil começou a abrir as cartas que recebera. Um dos envelopes, azul e branco, com a marca do Sun Valley Lodge, chamou-lhe logo a atenção. Antes de abrir, o detetive olhou para a mesa de Bob Nakamura, procurando ver se êle recebera uma carta igual. Não havia dúvida de que recebera: seu colega tinha em cima da sua mesa uma carta igual.

Virgil abriu o envelope e encontrou uma proposta para sócio acompanhada por um folheto. Começou a folheá-lo e viu algumas fotografias, muito atraentes, da piscina, dos campos de tênis e voleibol, etc. Um dos parágrafos do texto impresso fôra riscado e, ao lado, a mesma pessoa que o fizera acrescentara algumas palavras. O parágrafo eliminado dizia o seguinte:

As pessoas casadas não podem, sejam quais forem as circunstâncias, ser aceitas como sócias do clube, sem ser conjuntamente com a espôsa ou o marido. O número de sócios solteiros, no que se refere a adultos, homens ou mulheres, será limitado a uma cota proporcional, de forma a manter a atmosfera familiar do parque. A decisão dependerá, em grande parte, da personalidade do sócio proposto. A direção do clube reserva-se sempre o direito de admissão.

Ao lado dêste parágrafo impresso, estava escrito, numa letra feminina enviesada, o seguinte:

Como você tem categoria de VIP, a sua admissão está assegurada. Entre para sócio.

LINDA

Embora não tivesse a menor intenção de aceitar o convite para sócio, Virgil ficara muito contente por ter sido convidado. Já mais bem disposto, pareceu-lhe que o monótono trabalho que estivera fazendo se tornara de súbito mais interessante. Ainda estava pensando naquele simpático gesto de Linda, quando Bob Nakamura entrou no escritório, acompanhado por uma môça muito atraente, trazendo duas crianças pela mão.

Tibbs levantou-se dizendo:—Bom dia, Amiko. Seja bem-vinda ao nosso moinho de idéias... A propósito, Bob, sua proposta para

sócio do clube de nudistas acaba de chegar. Está ali, em cima da sua mesa.

—Clube de nudistas? Você não me falou nisso—exclamou Amiko, muito surpreendida.

Bob abriu o envelope e olhou para o folheto que êle continha. Depois, muito calmamente, entregou-o à espôsa.

Os dois homens aguardaram enquanto a espôsa de Nakamura examinava o folheto. Finalmente, quando acabou de ler a proposta, Amiko disse:—Isto parece caro, não creio que esteja dentro das nossas posses, embora talvez fôsse muito bom para as crianças.

Tibbs olhou para o relógio.—E se fôssemos almoçar?—sugeriu êle. Mal acabara de falar, o telefone tocou.

Virgil respondeu, ficando a ouvir o que lhe diziam durante dois ou três minutos. Em seguida, voltou a olhar para o relógio e escreveu algumas linhas no bloco de papel. Com um gesto significativo, deixou o bloco em cima da sua mesa e olhou para Bob, o qual assentiu muito ràpidamente. Isso feito, Virgil deu a mão a um dos filhos dos Nakamura e disse:—Vamos comer! Já é muito tarde...

Depois de Virgil ter saído para o corredor, com Amiko e os seus dois filhos, Bob atravessou a sala e, sem que a espôsa o notasse, foi ler a mensagem que Virgil escrevera:

Meio-dia e quarenta e seis: Walter McCormack acaba de telefonar para dizer que visitou Ellen Boardman, esta manhã, para aconselhá-la sôbre a herança. Estêve falando com ela durante algum tempo. A venda da emprêsa depende da Sr.ta Boardman, visto que os outros quatro sócios estão empatados. McCormack aconselhou-a a não vender, mas acha que, quando a notícia for conhecida, a môça encontrar-se-á sujeita a certas pressões.

Logo a seguir à mensagem, Virgil traçara três linhas horizontais com o lápis vermelho.

Um pouco depois das quatro, nessa mesma tarde, Joyce Pratt telefonou a Ellen, dizendo:—Minha querida, tencionava telefonar-lhe antes, mas em virtude das circunstâncias decidi que era melhor não a incomodar durante alguns dias.

—Estou-lhe muito agradecida—respondeu Ellen.

—Como já sabe, seu tio e eu éramos muito amigos. Nossa amizade datava de há muitos anos. Êle falava-me tanto de você que até já a considero como uma verdadeira amiga. Gostaria muito de vê-la e de que você me conhecesse melhor.

—Terei o maior prazer—respondeu Ellen. Seu comentário fôra mais de cortesia do que a expressão da verdade. Além disso, sabia perfeitamente que fôra a Sr.a Pratt quem organizara a emprêsa Patentes Roussel e que ela ainda era uma acionista importante,

uma circunstância que tornava aquêle encontro quase uma necessidade.

—Venha jantar comigo amanhã—convidou Joyce.—Tenho bilhetes para um concêrto. Você gosta de música?

Ellen considerou o convite muito ràpidamente. Seus pais já estavam de regresso ao hotel e ela podia dispor do carro sempre que o desejasse. Decidiu também que, como não podia evitar suas novas responsabilidades, o melhor seria começar imediatamente. Como estava determinada a não se deixar convencer por pessoa alguma, Ellen achou que nada arriscava ao aceitar o convite. Se tudo corresse bem, nada aconteceria; se fôsse ameaçada, ou qualquer outra coisa, telefonaria a Walter McCormack, em quem já confiava, ou mesmo a Virgil Tibbs.

Depois, lembrou-se de que Tibbs era um policial, nada mais, e de que não seria justo incomodá-lo para lhe pedir que resolvesse seus próprios problemas pessoais—e seus problemas financeiros *eram* pessoais.

Nesse momento, o telefone tocou de nôvo. Ellen atendeu, dizendo o nome do hotel.

—Muito boa tarde, Sr.ta Boardman. Como vai? Aqui fala Virgil Tibbs.

—Estou bem, muito obrigada.

Será que *êle* também a iria convidar para sair?

—Estou-lhe telefonando para lhe dizer que o Sr. McCormack me informou da visita que fêz a sua casa, esta manhã, bem como do assunto da conversa que teve consigo.

—Sim...

—Desejo pedir-lhe a sua cooperação, pois isso é muito importante. Deixe-me salientar que é verdadeiramente *muito* importante.

—Compreendo perfeitamente—disse Ellen.

—Esplêndido. Peço-lhe que me telefone imediatamente, se acontecer qualquer coisa que se possa relacionar com a sua nova situação. Por exemplo, quero saber o nome de tôdas as pessoas que lhe telefonarem ou a visitarem que possam ter qualquer ligação com o caso que nos interessa. Não receie incomodar-me. Pode telefonar-me vinte vêzes por dia, se isso fôr necessário. Preciso saber imediatamente tudo o que acontecer de especial. Entendeu-me bem?

—Sim, o senhor foi muito claro. Já lhe posso dizer alguma coisa, se quiser.

—Por favor.

—George Nunn telefonou-me esta manhã e convidou-me para um baile de nudistas. Aceitei.—Um súbito pensamento atravessou-

-lhe o espírito, fazendo-a acrescentar ràpidamente:—Será um baile com roupas, claro...

—Naturalmente. Não vejo razão para não ir. Mais alguma coisa?

—Sim. A Sr.a Joyce Pratt telefonou-me. O senhor conhece-a?

—Sim, conheço-a perfeitamente. Continue.

—Telefonou esta tarde e disse que, em virtude das circunstâncias, seria melhor que nos encontrássemos. Convidou-me para jantar, amanhã, e disse que tinha bilhetes para um concêrto no Hollywood Bowl.

—Aceitou?

—Sim, pareceu-me melhor.—Ellen hesitou e, em seguida, disse: —Posso fazer-lhe uma pergunta?

—Que deseja saber?

—Talvez não seja muito ético eu perguntar isto, e nesse caso peço-lhe desculpa, mas poderá dizer-me se já houve algum progresso no... assunto que nos interessa?

Seguiu-se um breve silêncio. Depois, Tibbs respondeu:

—Sim, Sr.ta Boardman, já houve um grande progresso. Se eu confiar em você, promete respeitar a minha confiança?

—Certamente.

—Muito bem, então. Se prometer não o dizer a *quem quer que seja,* poderei informá-la de que estou certo de já saber o que aconteceu, os motivos do crime e, também, o nome do assassino.

—O senhor *sabe* quem foi?—perguntou Ellen, quase gritando.

—Sim, já sei. Todavia, saber e provar o que sei são duas coisas inteiramente diferentes. Ainda estou tentando recolher provas. Lembre-se do que me prometeu. Se contar isto a alguém, pode estar certa de que o meu trabalho será infinitamente mais difícil.

—Pode confiar em mim—disse Ellen.—Pode dizer-me se estou correndo algum perigo?

Seguiu-se nova pausa, mas muito breve.—Está sim, Sr.ta Boardman—respondeu Virgil.—Existe algum perigo e é por isso que lhe pedi para me informar de todos os seus movimentos e decisões.

Durante as poucas horas que se seguiram, Ellen Boardman viveu momentos de grande confusão e perplexidade. A mão do assassino, que matara seu tio, parecia estar avançando para ela. A môça viu de nôvo, no espírito, o rosto gelado e pálido do tio, naquela morgue de São Bernardino e teve um súbito desejo de fugir para longe e de se esconder aos olhos de todo o mundo. Ellen nada tinha de covarde, mas conseguira evitar problemas e dificuldades, durante tôda sua vida, pelo simples fato de não provocar qualquer situação anormal. Agora, aquela situação fôra-lhe forçada e ela

sentia-se indefesa, incapaz de reagir. Pensou em cancelar seu encontro dessa noite, mas lembrou-se de que Virgil Tibbs lhe dissera não ver razão para recusar o convite.

Até que ponto, gostaria ela de saber, poderia confiar nas palavras do detetive? Contudo, recordou-se também de como êle antecipara os seus pensamentos sôbre a visita aos pais de George e, quase imediatamente, sentiu-se um pouco mais tranqüila. No fundo, sabia perfeitamente que podia confiar nêle. Sabia também que, se êle não fôsse competente, seus superiores jamais lhe teriam entregue aquêle caso,

Quando George a veio buscar, ela já estava pronta. Descendo a montanha com o sol já a desaparecer no horizonte e os últimos vestígios de um dia que fôra verdadeiramente belo, Ellen verificou que, apesar de tudo, não podia afastar do pensamento as suas sombrias preocupações. Todavia, uma coisa era certa e isso deixara-a mais contente: o assassino não fôra George ou, então, Virgil Tibbs jamais teria aprovado ela aceitar o seu convite. Na verdade, Ellen não queria que George fôsse o culpado. Apesar do rapaz viver num ambiente estranho, o clube de nudistas, Ellen sabia que gostava dêle e que a sua companhia lhe era muito agradável.

Sun Valley Lodge, quando chegaram, parecia exatamente igual a qualquer outro clube que tivesse organizado um baile para seus sócios e famílias. Ellen encontrou-se diante de uma pequena multidão, num ambiente muito alegre, abrilhantado por uma orquestra de seis músicos, sem que nada indicasse tratar-se de um clube de nudistas. Quando Linda a veio cumprimentar, muito sorridente e atraente num belo vestido azul, Ellen decidiu afastar as preocupações do seu espírito e divertir-se tanto quanto pudesse.

Começou a dançar com George e sentiu-se muito feliz. Mais tarde, dançou com vários outros rapazes e, sempre que a música parava, encontrava um nôvo parceiro para a próxima dança. Aquela atmosfera agradava-lhe muito e a gente era tôda muito amigável; Ellen já quase se libertara totalmente dos seus problemas quando Linda apareceu a seu lado, trazendo consigo um casal que ela não conhecia.

—Ellen, quero apresentar-lhe Amiko e Bob—disse Linda. Poucos momentos depois, Ellen estava dançando com o primeiro descendente de japonêses que a convidara. A môça simpatizou com êle, imediatamente, e sorriu-lhe enquanto dançavam.

—Estou muito contente por vê-la tão feliz e despreocupada, Sr.ta Boardman—disse Bob, retribuindo-lhe o sorriso.

Ellen sentiu-se estremecer; ela nunca o encontrara antes, e fôra-lhe apresentada apenas como Ellen. Perturbada, de nôvo, continuou a dançar, mecânicamente, mas o ritmo desaparecera.

Seu companheiro, notando aquela abrupta mudança, disse-lhe logo:—Sou Bob Nakamura, da Polícia de Pasadena. Trabalho com Virgil Tibbs.

Ellen soltou um suspiro de alívio e perguntou:—Foi êle quem lhe pediu que viesse?

Bob assentiu.—A família Nunn está ao corrente. No que se refere aos outros convidados, nós somos apenas candidatos a um título do clube. Não queremos alarmá-la, Sr.ta Boardman, mas vamos vigiá-la muito de perto nestes próximos dias. Na verdade, vamos fazê-lo até depois da assembléia da emprêsa.

—Mas isso só será dentro de duas semanas—lembrou-lhe Ellen.

—Talvez não. Virgil foi visitar o Sr. McCormack esta noite para tentar convencê-lo a adiantar a data da assembléia... para forçar o criminoso a agir, entende?

Ellen sentiu uma estranha sensação no estômago.—O senhor está a querer dizer que eu vou ser uma espécie de cobaia?—perguntou ela.

—Não, nós não lhe faríamos isso... só se fôr absolutamente necessário, claro. Virgil está organizando qualquer coisa, um plano que êle tem, e quer que uma certa pessoa se desmascare, como já lhe disse.

—Sim, compreendo—respondeu Ellen.

—Muito bem. Então, não pense mais nisso e divirta-se. Esta festa está sendo muito agradável.

Em vez de seguir seu conselho, Ellen aproximou-se mais dêle e falou-lhe suavemente ao ouvido:—Posso confiar em George Nunn? —perguntou ela.

Bob não lhe respondeu imediatamente, continuando a dançar e dando uma volta pela sala, só então dizendo:—Pelo que sei, êle é de tôda a confiança. Virgil não disse coisa alguma em contrário.

Ellen franziu a testa. Se George era de tôda confiança, por que razão teria Virgil Tibbs enviado aquêle seu colega para a vigiar? A resposta de Nakamura parecera-lhe um pouco hesitante; desejara ser tranqüilizada e não o fôra.

Ellen divertiu-se bastante no resto da noite, mas estava demasiado preocupada para se sentir completamente feliz. Logo que isso lhe foi possível, sem ferir quaisquer suscetibilidades, Ellen pediu a George que a levasse para casa.

Quando já se encontravam a meio caminho, naquela estrada da montanha que serpenteava em curvas apertadas por entre as colinas, George quebrou o longo e difícil silêncio em que se encontravam desde o início da viagem.—Ellen—disse êle—desculpe-me mencionar isto, mas pode dizer-me se Virgil lhe deu alguma indicação sôbre a investigação da morte de seu tio?

Ellen tentou disfarçar a tensão que aquelas palavras lhe haviam causado, receosa de se atraiçoar:—Não o tenho visto, recentemente —respondeu Ellen, falando a verdade.

George tornou-se pensativo, procurando palavras para dizer o que lhe ia no espírito:—Não sei bem como dizer isto—falou êle, hesitante.—Nem quero lembrar-lhe coisas desagradáveis, mas confesso que estou um pouco preocupado... com o crime ainda por resolver.

—Compreendo isso perfeitamente—respondeu ela, falando com certa dificuldade.

—Peço-lhe que me ouça com atenção... Já sabe que gosto muito de você. Além disso, tenho muita confiança em Virgil... Já o conheço bem e sei que é um excelente detetive. Contudo, até êle solucionar o caso... se você estiver...

O rapaz calou-se e, indeciso, não sabendo como expor seu pensamento, ficou alguns instantes em silêncio. Depois prosseguiu: —Desculpe, vou tentar outra vez. Os quartos do seu hotel estão todos ocupados?

—Não.

—Perfeito, então. Quando você estiver preocupada, seja qual fôr a razão, ou quando pensar que corre algum perigo, faça o favor de me chamar. De dia ou de noite, tanto faz. Não sou o homem mais forte do mundo, mas estou bem treinado e tenho uma certa habilidade...—George calou-se, uma vez mais, e tentou encontrar as palavras certas:—Digo isto porque... enfim, por querer ajudá-la.

Ellen voltou-se para êle e olhou-o com curiosidade:—Você pensa mesmo o que está dizendo?

—Sim, quero ajudá-la—respondeu George, desviando o olhar, ligeiramente intimidado.—Quero ajudá-la. Se eu encontrasse alguém tentando fazer-lhe mal, Ellen, creio que mataria êsse alguém com as minhas próprias mãos.

Mal terminara de falar, George pensou que as suas palavras talvez tivessem sido demasiado teatrais. Não quisera dizer exatamente aquilo. De nôvo, não encontrara as palavras certas.

Ellen não lhe respondeu. Em vez disso, aproximou-se mais e encostou-se a êle. Em resposta, George passou o braço direito por cima dos ombros dela, durante um momento, e retirou-o logo ao ver pela frente uma apertada curva.

Quando chegaram ao hotel, o rapaz estacionou o automóvel diante das árvores que se encontravam à entrada do jardim e ficou sentado, sem se mover. Não tinha pressa alguma. Só desejava ficar ali, ao lado da môça, e esta, era óbvio, estava disposta a permitir que aquêle momento se prolongasse um pouco mais. Ficaram sentados, escutando os sons típicos da noite e observando a escassa luz que emanava da lua. Depois, durante um breve e assustador instante, George foi surpreendido pelo pensamento de que alguém ou qualquer coisa poderia estar à espreita, naquele mesmo momento, na quase total escuridão da noite, à espera de uma oportunidade para atacar. Deliberadamente, já mais calmo, afastou o pensamento. Já fôra muito teatral, alguns minutos antes, e não queria repetir uma reação tão ridícula, mesmo apenas em pensamento.

Voltou-se para ela e olhou-a com atenção. A môça retribuiu-lhe o olhar com uma expressão que, mesmo na escuridão, o fêz estremecer de paixão. O rapaz abraçou-a muito gentilmente, beijou-a durante um longo e terno momento. Depois, abriu a porta do carro e ajudou-a sair. Ao despedir-se dela, à porta de casa. pensou que, de fato, não hesitaria em matar com as suas próprias mãos, se necessário, quem se atrevesse a ameaçar Ellen.

Quando chegou ao seu quarto, Ellen fechou os olhos por um momento, como se quisesse afastar os pensamentos; depois, sacudiu a cabeça e, lentamente, começou a despir-se. George beijara-a e ela sabia bem que desejara que êle o fizesse.

Sempre com movimentos lentos, acabou de se despir. Durante alguns segundos, antes de vestir a camisola, ficou imóvel em frente do espelho. Sua figura não era espetacular, de modo algum, mas era muito apresentável. Essa, claro, era uma palavra estranha, pensou Ellen: apresentável. Que tal seria, perguntou ela a si mesma, ser nudista? Perplexa, não conseguiu responder à pergunta e, finalmente, decidiu-se a vestir a camisola e a deitar-se.

Segunda-feira foi, para Virgil Tibbs, um dia excepcionalmente ocupado. O investigador visitou vários bancos e falou com os seus diretores sôbre as contas de certas pessoas nas quais estava interessado. Num dêsses bancos, Virgil chegou mesmo a ser autorizado a entrar para uma das salas interiores e, em virtude da sua categoria de detetive e também da gravidade do caso que estava investigando, conseguiu que lhe mostrassem uma série de cheques já descontados que ainda não haviam sido devolvidos ao cliente. Um dos cheques chamou-lhe imediatamente a atenção; muito interessado pelo que descobrira, Virgil Tibbs pediu ao diretor do banco que fizesse uma fotocópia do cheque, de ambos os lados, fotocópia essa que levou com êle quando se retirou.

Em seguida, visitou o registro civil de Los Angeles, onde examinou a ficha de um determinado registro de propriedade. Depois disso feito, foi a pé até ao edifício do jornal *Times* e, ao chegar,

confirmou um encontro que marcara anteriormente com o crítico de arte do jornal. Êsse encontro resultou numa conversa muito prolongada e, do próprio jornal, o detetive telefonou ao Departamento de Crédito de Vendas a Varejo e obteve mais algumas informações. Tendo já obtido grande parte das informações que desejava, foi buscar seu carro no parque de estacionamento onde o deixara e regressou a Pasadena, onde Bob Nakamura o aguardava. Bob já se desempenhara da sua parte do trabalho e preparava um relatório muito completo sôbre a vida e as atividades de Oswald Peterson, o corretor de ações.

Segundo era seu hábito, Virgil escreveu alguns apontamentos sôbre cada uma das indicações que conseguira obter, cada uma delas num pedaço de papel diferente e colocou êsses apontamentos em cima da sua mesa, dispondo os papéis numa forma geométrica. Juntamente com os outros apontamentos que já tinha anteriormente, Virgil Tibbs começou, então, a fazer uma espécie de paciência, mudando os papéis de lugar como se fôssem cartas. Dêste modo, agrupou certos fatos que se relacionavam, formando diversos montes, e determinou que falhas existiam, falhas essas representadas por espaços vagos entre êste e aquêle monte. Tratava-se de um hábito que sempre lhe fôra muito útil e o ajudara a verificar quais eram os pontos fracos das suas deduções.

Depois de terminado o primeiro processo da "paciência", Virgil notou uma importante falha de informação e, sem perder tempo, telefonou para o Serviço de Registros do Departamento de Polícia de Los Angeles. Identificou-se e, em seguida, formulou uma pergunta. Passados alguns minutos, recebeu uma resposta negativa. Esta resposta foi-lhe inteiramente conveniente; trocou de lugar mais alguns pedaços de papel e, satisfeito, verificou que encontrara mais uma solução. Quando, mais tarde, recebeu uma mensagem informativa sôbre o sistema de registrar impressões digitais nas carteiras de condução, Virgil teve a satisfação de poder acrescentar mais uma carta à sua tão eficaz "paciência".

O telefone interrompeu-o. Quando respondeu, verificou que se tratava do secretário da Associação de Jardineiros Nipo-Americanos, em resposta a um telefonema que êle próprio fizera antes. Aquela conversa telefônica esclareceu, muito ràpidamente, mais um ponto que se encontrava em dúvida, permitindo a Virgil Tibbs preencher outra das lacunas que a sua "paciência" lhe oferecia.

Então, já muito mais seguro de si, o detetive resolveu telefonar a Ellen Boardman.

—Como é que se passou o seu jantar com a Sr.ª Pratt?—perguntou êle, depois de cumprimentar a môça.

—Muito bem, mesmo, muito bem. Durante o jantar, a Sr.ª Pratt

fêz questão de salientar a sua experiência em negócios e procurou dar-me provas do seu grande sucesso em tudo o que fazia.

—Ela também fêz isso comigo—respondeu Virgil.

—Em seguida, decidiu mostrar-se superior e aconselhar-me. Quis fazer-me sentir que eu era uma criança, muito inocente e ingênua, sem qualquer conhecimento da vida. Ofereceu-se para me servir de guia e mestra, dizendo que me explicaria tudo conforme fôsse sendo necessário.

—E ela mencionou as suas ações?—perguntou Tibbs.

—Apenas indiretamente. Claro, sabia perfeitamente que eu as herdei. Perguntou-me se eu planejava comparecer à reunião dos acionistas e disse que, mais tarde, falaria comigo sôbre o assunto. Naturalmente, a reunião só será dentro de duas semanas.

—Não, a data já foi mudada—disse Tibbs.—O Sr. McCormack adiantou a reunião para êste fim de semana.

—Oh? Sim, já me lembro de que essa possibilidade foi mencionada. Por que razão mudou êle a data?

—Fui eu quem lho pediu. E como foi êsse concêrto?

—Excelente. Gosto muito de ir ouvir música, embora não o possa fazer muitas vêzes. Depois, fomos tomar um café.

—Sim, já o sabia.

—Já? Como?—perguntou Ellen.

—Você foi seguida por um policial durante todo o tempo que estêve fora de casa, com a Sr.ª Pratt. Êsse meu colega confessou-me que também tinha gostado do concêrto.

—Meu Deus! Não me diga que fui seguida até casa?! Sim, na verdade, notei que fui seguida por um carro durante a maior parte do caminho.

—Foi êsse policial e, no regresso, o seu lugar foi tomado por outro. A propósito, queria pedir-lhe um favor. Terá lugar, no hotel, para mais um casal durante alguns dias, começando amanhã?

—Temos, sim. Por quê? São... amigos seus?

—De certo modo, sim. O senhor e a Sr.ª Mooney chegarão amanhã de manhã e ficarão uma semana. O Sr. Mooney é o policial que estêve aí no hotel e que falou com você pela primeira vez, quando lhe perguntou se havia algum hóspede com reserva que não tivesse aparecido.

—Sim. Lembro-me perfeitamente.

—Muito bem. Claro, espero que você não vá anunciar a todo o mundo que se trata de um policial, mas, se alguém lhe perguntar, não o negue. Nesse caso, peço-lhe que me informe imediatamente.

—De acôrdo.

Ellen desligou, um pouco confusa. Era óbvio que lhe estavam dando um guarda-costas, o que era uma nova experiência para

ela. Não havia dúvida de que, de certa maneira, a idéia lhe agradava, mas era algo assustadora.

Na manhã seguinte, Dick e Elaine Mooney registraram-se no hotel e provaram logo ser pessoas muito agradáveis. Ellen sentiu um grande reconfôrto em ter junto dela um policial—uma pessoa em quem poderia confiar inteiramente e que se encontraria muito perto se ela precisasse de qualquer ajuda. Todavia, ainda estava bastante preocupada quando George Nunn lhe telefonou e propôs um encontro na quarta-feira; Ellen esquivou-se a uma confirmação e pediu-lhe que voltasse a telefonar.

Mais tarde, antes do jantar, Virgil Tibbs reuniu-se numa conferência com o Capitão Lindholm e explicou seu plano de ação para que seu superior o aprovasse. Depois da reunião terminada, o detetive voltou para o seu apartamento, tomou um banho e jantou, embora comesse pouco, em virtude do que decidira fazer essa noite. Uma hora mais tarde, vestindo uma bata branca com o cinturão negro que tantos anos de duro treino lhe haviam feito ganhar, foi visitar o seu clube e iniciou uma sessão de duas horas de treinamento em karatê dojo com os poucos presentes que eram seus iguais e, também, com os dois que eram melhores do que êle.

Quando terminou, Tibbs tomou nôvo banho e foi pesar-se, verificando que engordara um pouco. Todavia, encontrava-se em perfeita forma física e os músculos continuavam tão duros como antes, perfeitamente aptos às suas funções naturais e condicionados pelo excelente treinamento.

Virgil Tibbs vestiu-se e voltou para o apartamento, sentindo-se muito bem disposto. Instalou-se confortàvelmente e ficou sentado a ouvir alguns dos seus discos preferidos, como por exemplo *Introdução e Allegro,* de Ravel, *Noite nos Jardins da Espanha,* de Falla, e uma gravação direta de Duke Ellington em Newport. Sentia uma grande necessidade de descansar na atmosfera que a música sempre lhe proporcionava e, enquanto saboreava uma bebida, permitiu que os seus pensamentos divagassem para longe das duras realidades que teria de encarar na manhã seguinte.

O dia seguinte seria quarta-feira, dois dias antes da reunião da emprêsa. Além disso, seria o dia da decisão. O momento da verdade estava próximo.

Capítulo Décimo Quarto

O CORREIO DA MANHÃ de quarta-feira trouxe-lhe o relatório final da autópsia, enviado pela polícia de São Bernardino, mesmo a tempo para servir aos propósitos de Virgil. O detetive abriu o envelope e estudou atentamente a informação nêle contida.

Depois de ter lido duas vêzes o relatório, Virgil desenhou num papel os contornos de uma figura humana, tanto de frente como de perfil. Em seguida, muito cuidadosamente, marcou as áreas em que, segundo a autópsia, o corpo recebera as pancadas que haviam causado a morte. Depois de terminar, Virgil ficou com uma idéia muito exata de como o cientista fôra espancado, sabendo sem a menor sombra de dúvida quais haviam sido os golpes que provocaram direta e especificamente sua morte.

Satisfeito com seu trabalho, telefonou a Michael Wolfram, o advogado. Quando êste respondeu, Virgil não perdeu tempo e foi direto ao ponto que o interessava:

—Sr. Wolfram, sabendo que o senhor representa o Sr. Walter McCormack e, também, que êste e o falecido Dr. Roussel eram amigos íntimos e sócios num negócio próspero, ocorreu-me pensar que o senhor talvez também lidasse com os negócios do Dr. Roussel neste país.

—O senhor tem tôda a razão—respondeu Wolfram.— Que posso fazer para ajudá-lo?

Tibbs marcou um encontro com êle, para as onze e trinta, e desligou. Depois de examinar o restos do correio, que nada mais continha de importante, o investigador saiu do escritório e sentou-se ao volante de um dos carros oficiais, apetrechado com o equipamento especial pela Divisão de Investigação, dirigindo-se para o sul da cidade, a caminho do Centro Cívico de Pasadena.

Quando já se encontrava na rodovia, adquirindo alguma velocidade, um carro algo dilapidado, tendo o aspecto de ter sofrido várias conversões, veio colocar-se atrás dêle, quase encostado, o que era inteiramente ilegal. Virgil olhou pelo espelho retrovisor e viu que os seus dois ocupantes eram muito jovens, nenhum dêles parecendo ter idade suficiente para possuir uma carteira de condução. Alguns segundos depois, o carro ganhou mais velocidade e, quando Virgil parou num sinal vermelho, verificou que êle parara a seu lado. O rapaz que estava do lado direito olhou para Tibbs e deu uma palmada na porta do carro.

—Vamos, negro!—gritou êle.—Vamos ver se você sabe dirigir.

Quando o sinal mudou, o outro carro adiantou-se imediata-

mente, quase saltando para a frente, e colocou-se à frente do carro de Virgil, o qual não estava marcado com o emblema da polícia. O rapazola, logo que se encontrou bem diante de Virgil, aplicou os freios; Virgil já conhecia muito bem aquela manobra e estava preparado; tendo verificado, antes, que não havia outro tráfego na rodovia, desviou-se abruptamente para a esquerda e, depois tocou o botão que acionava sua sirene. Não precisou de a fazer soar com o máximo da sua intensidade; só o fizera de leve, para que o rapaz reconhecesse que estava brincando com um carro da polícia.

Os brincalhões tornaram-se imediatamente ultra-respeitáveis; o carro moveu-se para a pista da direita e, como se nada tivesse acontecido, limitou-se à velocidade legal permitida. Quando Virgil passou pelos rapazes, olhou cuidadosamente para o motorista e, depois de examinar a placa do automóvel, conferiu ràpidamente a lista dos veículos roubados que era emitida diàriamente pelo Departamento da Polícia de Los Angeles. Em seguida, empunhou o microfone do rádio.

Quatro ruas depois, um motociclista da polícia surgiu de uma transversal e foi colocar-se atrás do velho carro, que fôra modificado por aquêles inconscientes rapazolas. Com a situação já sob contrôle, Virgil colocou-se a meio da pista e começou a dirigir com maior velocidade. Passados alguns minutos, seu carro deteve-se diante de um letreiro no qual se podia ler FEDERAÇÃO AMERICANA DE KARATÊ. Ligou o dispositivo visual que permitiria a qualquer policial identificar aquêle carro e encaminhou-se para o edifício.

O nipo-americano que se encontrava na sala de entrada olhou para êle e pareceu ligeiramente surpreendido, dizendo:—Olá Virgil, não o esperávamos.

—Sabe se o *Sensey* está?—perguntou Tibbs.

—Sim, está mudando de roupa. Poderá encontrá-lo no vestiário.

Virgil atravessou a área de treinos, bem como as salas de exercícios, e entrou no vestiário. Levava na mão os desenhos que fizera antes de sair do escritório.

No vestiário, de aspecto espartano, muito simples e sóbrio, Virgil deparou-se com dois homens, ambos ocupados a amarrar cinturões negros sôbre suas batas brancas. O homem que se encontrava mais perto da porta era um japonês de estatura mediana e, aparentemente, não muito corpulento, embora a bata de treino lhe escondesse grande parte do corpo. Devia ter pouco mais de trinta anos e, era óbvio, possuía uma grande dose de energia nervosa controlada. Ao ver Virgil entrar, o japonês olhou para êle e sorriu-lhe.

—Bom dia, *Sensey*—respondeu Tibbs, apertando as mãos de ambos os homens e mostrando os seus desenhos. Depois, hesitou. O homem com quem êle desejava falar não tinha grandes conhecimentos de inglês e Virgil não desejava arriscar-se a ofendê-lo. Todavia, como o segundo homem era um nisei, um americano de origem japonêsa, Virgil solucionou o problema, explicando-o a ambos. Descreveu muito brevemente o crime e apontou para as áreas que marcara nos desenhos.

Sua diplomacia obteve o resultado desejado. O homem a quem êle chamara de *Sensey* examinou os desenhos muito cuidadosamente e fêz várias perguntas ao companheiro, falando ràpidamente em japonês. O outro respondeu-lhe, também muito ràpidamente, e era evidente que Virgil estava assistindo a uma discussão técnica, embora não soubesse o que êles estavam dizendo, visto que não falava japonês. Depois, o nisei voltou-se para Tibbs e disse:

—O *Sensey* gostaria de saber qual era a altura e o pêso exato do morto, se é que você nos pode dar essa informação.

Virgil conhecia bem os detalhes de memória e respondeu imediatamente. O *Sensey* assentiu e consultou uma vez mais os desenhos que o detetive trouxera consigo. Depois, o mestre de karatê sacudiu a cabeça.

—Não foi um especialista de karatê—explicou êle. Falando em inglês, fêz uma descrição técnica que Tibbs escutou atentamente. Embora estivesse treinado altamente na arte, Virgil sabia que os seus conhecimentos não se podiam comparar com a sabedoria daquela autoridade mundial. A essência da opinião do *Sensey* era, em resumo, que o assassino apenas se especializara no tipo de combate de rua, sem regras e à base de improvisação, embora com grande eficiência, mas sem qualquer conhecimento específico de karatê. O mestre baseou suas conclusões não só na natureza dos golpes que o corpo recebera, mas também no número dêsses golpes. Um especialista de karatê jamais teria precisado daquela quantidade de golpes.

Tibbs agradeceu-lhe calorosamente e declinou um convite para um pequeno treino com o *Sensey*. O investigador já combatera uma vez contra êle e, apesar de tudo o que aprendera durante essa sessão, não estava muito disposto a repetir a dolorosa experiência.

Armado com a informação que confirmava sua própria opinião, Virgil voltou para o carro e dirigiu-se para o escritório do advogado. Seu caso ainda não se podia considerar como completo e finalizado, longe disso!, e justamente por essa razão, Virgil estava

determinado a não deixar em claro qualquer pormenor que, mais tarde, pudesse vir a ser importante.

Ao chegar ao escritório do advogado, Wolfram recebeu-o imediatamente e ofereceu-lhe uma cadeira. Tratava-se de um homem de pequena estatura, cujo imaculado e elegante terno contrastava com seu despenteado e indisciplinado cabelo. Tibbs notou que todos os móveis do escritório eram de pequenas dimensões, talvez para não salientarem a pequenez de Wolfram, que se assemelhava mais a um jóquei aposentado do que a um grande advogado.

Depois de uma troca de palavras amáveis e de frases inconseqüentes, Virgil expôs o caso, sôbre o qual o advogado se encontrava parcialmente informado. Já próximo do final da sua descrição, foi interrompido por Wolfram, que lhe perguntou:—Sr. Tibbs, irá dizer-me, por acaso, que um dos meus clientes vai ser acusado do crime?

—Não—respondeu Virgil.—Pelo menos, não desta vez. Claro, não conheço todos os seus clientes e, por isso, não lhe posso responder com exatidão. Na verdade, estou aqui para lhe pedir algumas informações.

Wolfram assentiu:—Estou ao seu dispor.

—Em primeiro lugar, quando é que tenciona submeter o testamento do Dr. Roussel à justiça?

—Quase imediatamente... hoje, na realidade.

—O senhor veria algum inconveniente sério se eu lhe pedisse para o adiar por, digamos, vinte e quatro horas?

Wolfram encostou-se para trás e, sùbitamente, apesar da sua pequena estatura, pareceu imensamente astuto e inteligente.—Poderá dizer-me qual é a razão de tal pedido?—perguntou êle.

—Estou procurando desmascarar o assassino. O fato de demorar a publicação do testamento talvez me possa ajudar.

—Compreendo. Nesse caso, estou disposto a fazer o que me pede. Mais alguma coisa ?

—Sim—respondeu Virgil.—Gostaria de ler o testamento, se mo permitisse. É possível que contenha uma cláusula que me interesse muitíssimo.

—Trata-se de um pedido oficial?

—Definitivamente.

Wolfram empertigou-se e, depois, curvou-se para a frente.—Se isso o vai ajudar a descobrir o assassino de Al Roussel, farei o que me pede—disse êle.—Em geral, por uma questão de princípio, não gosto de proceder desta forma e sugiro-lhe que guarde para si, tanto quanto possível, o que vai ler no testamento.

—De acôrdo—respondeu Tibbs.

Wolfram tocou um botão e, quando a secretária lhe respondeu,

êle disse, apenas, "O testamento Roussel", e depois ficou aguardando que ela o trouxesse. Logo que o documento chegou, o advogado entregou-o a Tibbs.

Virgil começou a ler o longo testamento, estudando com atenção tôdas as cláusulas numeradas e, quando terminou, devolveu o testamento, dizendo:—Muito obrigado.

—Estou muito contente por poder ajudá-lo—respondeu o advogado, olhando para êle e acrescentando:—A sua investigação tem progredido? Ou será que não me pode dizer?

Tibbs levantou-se.—Não vai demorar muito a se resolver...—anunciou êle.

Já de volta ao centro da cidade, Tibbs parou no Departamento de Polícia de Los Angeles, mas o homem que desejava ver já tinha ido almoçar. Enquanto aguardava, comeu o seu sanduíche habitual e bebeu um copo de leite, pensando no que aprendera, aquela manhã, ao ler o testamento.

Já formara uma tese e, na sua opinião, o caso deixara de ter qualquer mistério. Todavia, para se certificar, Tibbs tentava encontrar um ponto fraco nas suas deduções, mas desta vez parecia que não havia dúvida possível. Compreendia perfeitamente que teria de assumir um risco calculado e tentar a sorte, já que não contava com quaisquer testemunhas e que as provas concretas que conseguira poderiam ou não ser suficientes para convencer um juiz. Antes de o dia terminar, decidiu Tibbs, obteria essas provas ou, então, encontrar-se-ia em sérias dificuldades. Recusou preocupar-se. Se agisse acertadamente, conforme planejara, tudo se passaria sem entraves.

Quando acabou de comer e depois de ter finalizado aquêle exercício mental de análise, seu colega da polícia de Los Angeles, o especialista em desordens públicas e em incidentes relacionados com ataques e lutas de rua, havia regressado do almôço e encontrava-se ao seu dispor. Virgil voltou a mostrar os desenhos e fêz algumas perguntas específicas. Depois de tomar apontamento de tudo o que o policial lhe respondeu, Virgil ficou convencido de que esclarecera mais um importante ponto do caso. Pela primeira vez, desde que iniciara a investigação, sentia-se confiante e quase certo de ter deduzido tôda a história.

Nesse momento foi assaltado por mais uma dúvida que o levou a telefonar à Sr.ª Joyce Pratt, a qual não se encontrava em casa. Contudo, a inteligente empregada, aquela negra que conhecera durante a sua primeira visita, estava disposta a dizer-lhe o que êle desejava saber. A môça pediu desculpas pelo infeliz incidente do chá e Tibbs assegurou-lhe que antipatizava solenemente com tôda e qualquer qualidade de chá. A conversa continuou durante

algum tempo, durante o qual a empregada conseguiu descobrir que Tibbs era solteiro e, por outro lado, Virgil ficou na posse de mais alguns dados que considerou igualmente interessantes.

Entretanto, com Tibbs ocupado com os últimos retoques da investigação, certos outros acontecimentos começaram a tomar forma, sem que êle o soubesse. George Nunn telefonou a Ellen Boardman, repetindo o convite para aquela noite. Desta vez, mais segura de si, a môça aceitou.

O policial Dick Mooney telefonou para a polícia sem que ninguém o notasse e relatou que tudo se encontrava em ordem, no hotel, e que não havia indício de qualquer espécie de perturbação.

Oswald Peterson, o corretor, recebeu um documento oficial, informando-o de que sua ex-espôsa lhe estava exigindo uma mesada e o pagamento das custas do processo de divórcio que ela iniciara por motivo de adultério.

William Holt-Rymers teve uma conversa telefônica com Walter McCormack, durante a qual Virgil Tibbs foi muito discutido.

Joyce Pratt telefonou a Michael Wolfram e fêz-lhe um grande número de perguntas, às quais não obteve respostas satisfatórias; pelo menos, não foram satisfatórias para ela.

Arthur Greenberg, da emprêsa ótica, teve uma conferência confidencial com o Dr. Nathan Shapiro com referência a uma receita irregular.

Mike Casella, o construtor, saiu do seu escritório para efetuar uma viagem de inspeção, segundo êle anunciou, e acrescentou que não voltaria antes da semana seguinte.

Na lista das coisas que Virgil tinha de fazer, para dar o caso como totalmente solucionado, faltava apenas um item, um último pequeno pormenor que êle desejava verificar. Pouco depois, visitava os escritórios de uma grande corporação, conhecida em todo o país, subindo de elevador para o andar da diretoria. Num ambiente de grande luxo, pisando ricos e espessos tapêtes, admirando a elegante decoração e a sobriedade dos móveis, foi acolhido por uma recepcionista, de grande eficiência e classe, que o olhou e o recompensou com um sorriso oficial, sem significado, implicando que êle era bem recebido, claro, mas só se viesse tratar de um assunto de muita importância.

Tibbs mostrou-lhe sua carteira da polícia e declarou que desejava ver o Sr. Emil Weidler, o vice-presidente que dirigia aquela sucursal da emprêsa.

A recepcionista discou um número no telefone interno.

—O Sr. Virgil Tibbs, do Departamento de Polícia de Pasadena, está aqui e pede para ser recebido pelo Sr. Weidler— anunciou ela, acrescentando:—O Senhor Tibbs é um investigador.

A môça escutou durante um momento e, em seguida, desligou.

—O Sr. Weidler sugere que fale com o Sr. Hennessey, do nosso Departamento Legal.—Depois de falar, a recepcionista escreveu algumas palavras num papel e entregou-o a Tibbs.—O senhor poderá tomar aquêle elevador, à sua direita.

Virgil soltou um suspiro. As armaduras e os escudos dos tempos medievais tinham o seu equivalente na moderna recepcionista industrial.

—Talvez eu não me tenha explicado bem—disse êle, sem alterar o tom de voz—estou aqui em visita oficial. Desejo falar com o Sr. Weidler e apenas com êle.

A môça olhou para Tibbs, evidentemente tentando medir o nível de autoridade que as suas palavras representavam e, depois, relutantemente, voltou a discar um número no telefone. O sorriso oficial desaparecera. Depois de uma breve troca de palavras, a recepcionista tornou-se mais dinâmica e eficiente.

—O Sr. Weidler vai recebê-lo. Pode entrar pela segunda porta à direita.

Mais satisfeito, Virgil dirigiu-se para o corredor que ela indicara e abriu a segunda porta.

Weidler era um homem de estatura mediana, com mais de quarenta anos e, pelo menos, com uns sete ou oito quilos a mais do que lhe seria conveniente. Olhou para êle, quando Tibbs entrou, mas não se levantou.

—Oh!—exclamou, bastante surpreendido.—O senhor é o policial que me anunciaram?

—Sou, sim—respondeu Virgil, sentando-se sem esperar que fôsse convidado a fazê-lo. Sùbitamente, sentira-se cansado de ser olhado como uma espécie de animal raro; se as pessoas não se preocupavam em tratá-lo com uma certa cortesia, então êle também não estava disposto a tratar essas pessoas com a cerimônia devida.

—Creio que o senhor conheceu o Dr. Albert Roussel.

—Sim, encontrei-o uma vez—respondeu Weidler—mas conhecia perfeitamente o trabalho dêle.

—Estou investigando sua morte—informou Tibbs, prosseguindo —É da maior importância que eu conheça certos pormenores referentes à oferta que sua emprêsa fêz para comprar as ações dos sócios do Dr. Roussel. Suponho que o senhor se encontre totalmente ao corrente dessa oferta.

Weidler tornou-se cauteloso.—Trata-se de um assunto muito delicado e confidencial...—começou êle a dizer.

Virgil interrompeu-o:—Sr. Weidler, não quero parecer rude mas a verdade é que, conforme as coisas se encontram, o tempo é um fator muito importante. Eu já conheço a maioria dos fatos

mas preciso de mais algumas informações... imediatamente. Permita-me que lhe recorde que estou procurando um assassino. Se preferir não confiar em mim, agora, é muito possível que, mais tarde, tenha de falar em público, talvez no banco das testemunhas.

Weidler tirou do bôlso um lenço e passou-o pelo rosto, perguntando:—Que deseja saber?

—Agora, que o Dr. Roussel morreu, os senhores ainda continuam interessados nos direitos das suas patentes?

—Sim, continuamos.

—Essas patentes são valiosas?

Weidler hesitou durante um instante.—Sim, são muito valiosas. Já há muitos anos que estamos pagando direitos para as usar, sem que elas nos pertençam.

—Sem elas, poderiam os senhores continuar, como atualmente, a produção de filmes coloridos?

—Não—o tom de voz de Weidler mudara ligeiramente.—Posso ver as suas credenciais, por favor?

Tibbs mostrou-lhe a carteira e o documento de identificação.

—O senhor considerará tudo o que eu lhe disser como assunto confidencial?—perguntou Weidler.

—Tanto quanto possível.

—Muito bem, então vou expor-lhe a situação. Temos mantido, durante anos, uma posição muito forte no campo da fotografia de amadores. Agora, nosso principal concorrente introduziu no mercado um nôvo filme que, indubitàvelmente, é melhor que o nosso. É mais rápido, tem melhor definição de côres e o seu grão é quase invisível. Os amadores podem processar êsse filme muito fàcilmente e, assim, nós perdemos renda tanto na venda do filme como no trabalho de laboratório.

Virgil assentiu, dizendo:—Já sabia. Tenho usado êsse filme e é excelente.

Weidler baixou o tom de voz:—Antes de morrer, o Dr. Roussel descobriu um filme que nos permitirá aceitar a concorrência. Isto, claro, é muito *sub rosa*.—Fêz uma pausa, para se certificar de que aquela sua declaração fôra bem apreendida por Tibbs e continuou: —Nosso concorrente descobriu a existência dêsse nôvo processo e tentou negociar a sua compra. Por outro lado, nós precisamos de obtê-lo ou, então, perderemos o contrôle de uma grande parte do mercado.

—E que sucederá se os acionistas da emprêsa Patentes Roussel decidirem não vender o processo?

Weidler passou a língua pelos lábios, embaraçado.—Creio que o venderão—respondeu êle, finalmente.—Fizemos uma oferta muito

atraente e êsses acionistas não são gente muito rica, para a poderem recusar.

—Mas que acontecerá, se recusarem mesmo?

—Então, teremos de recorrer a outras medidas. Relutantemente, está claro.

Virgil Tibbs saiu do escritório com uma grande antipatia por Weidler e pela companhia que êle representava, mas não tinha tempo para se preocupar com as manobras e as influências políticas do mundo dos negócios. Já conseguira a informação que desejara e estava quase pronto para se servir dela.

Telefonou para casa de Joyce Pratt e foi informado de que ela só voltaria mais tarde e de que, à noite, oferecia uma recepção. Walter McCormack também saíra e Tibbs, quando lhe telefonou, foi informado de que ninguém sabia a que horas êle regressaria.

Oswald Peterson não fôra ao seu escritório naquele dia; sua secretária disse que êle se encontrava fora da cidade.

Nada mais podendo fazer, de momento, Tibbs voltou para Pasadena, arrumou sua mesa e tratou de alguns assuntos pendentes, preparando também seus planos para aquela noite. Depois, à hora de jantar, dirigiu-se para um restaurante japonês. Descalçando-se, sentou-se numa esteira *tatami*, diante de uma mesa baixa, e ficou a observar a empregada, vestida de quimono, que lhe preparou um *sukiyaki* num pequeno fogão elétrico, em cima da sua mesa.

A calma dignidade do restaurante e a mudança de atmosfera constituíram um excelente tranqüilizante, ajudando-o a esquecer a tensão que se apoderara dêle durante a maior parte do dia.

Pouco antes das oito, já de volta ao escritório, Tibbs telefonou para o Departamento de Polícia de Los Angeles.

—Vou entrar na sua jurisdição—advertiu, pedindo que destacassem um policial à paisana, da delegacia de Los Angeles, para o auxiliar, segundo mandavam as regras de cortesia da polícia, quando um investigador entrava em ação numa área que não era a sua. Só assim, de resto, é que os responsáveis pela fôrça policial das diversas zonas de Los Angeles poderiam estar ao corrente do que acontecia nos seus respectivos territórios.

Um pouco depois das oito e meia, Tibbs parou à entrada da cidade, estacionando o carro na faixa lateral da rodovia. Alguns segundos mais tarde, um Chevrolet prêto aproximou-se e parou a seu lado.

—Virgil Tibbs, Pasadena—apresentou-se êle.

O policial de Los Angeles ainda era muito jovem, mas tinha todo o aspecto de quem sabia como agir num caso difícil.—Frank

Sims, Sr. Tibbs. Já ouvi falar muito do senhor. Que pretende fazer, hoje?

—Vou prender um suspeito de assassínio. Lembra-se do corpo que foi encontrado num clube de nudistas ?

—Claro. Que posso fazer para o ajudar?

—Ainda não sei bem, mas é possível que a coisa seja dura. A pessoa que vou prender talvez se torne perigosa...

—Mas ouvi dizer que o senhor ganhou o cinturão negro do karatê.

—Sim, é verdade.

—Então, não vejo qual é o problema. Ainda não cheguei ao seu nível, naturalmente, mas tenho treinado muito, especialmente aikido. Além disso, como já deve calcular, tenho todo o treino da polícia em luta de corpo a corpo.

—Pelo que vejo, você está disposto a lutar, se fôr necessário... antes assim; eu preferia, se possível, não ter de usar a pistola.

—Concordo inteiramente com você.

—Então, já podemos ir. Teremos de fazer duas visitas.

—Estou ao seu dispor...

Virgil pôs o carro em andamento e dirigiu-se para oeste. O Chevrolet seguiu-o e o detetive notou logo que o outro policial era um excelente motorista. Os dois carros dirigiram-se para a área residencial de Beverly Hills, parando pouco depois em frente da residência da Sr.ª Joyce Pratt. Os dois homens saíram dos respectivos carros e encontraram-se à esquina da rua.

—Não creio que sejamos muito bem recebidos, nesta casa—advertiu êle—mas, mesmo assim, agradeceria se você me acompanhasse.

Tibbs olhou para a casa, que estava esfuziantemente iluminada no andar de baixo; depois, com Sims a seu lado, aproximou-se da porta e tocou a campainha.

A empregada de côr abriu a porta, olhou para êle e disse:—Boa noite, Sr. Tibbs.

Virgil ficou bastante satisfeito por ela se recordar do seu nome, respondendo-lhe imediatamente:—Gostaríamos de falar com a Sr.ª Pratt. Já sei que ela está recebendo e não gosto muito de estragar a festa, mas o assunto é da maior importância.

A empregada indicou-lhes que entrassem para a pequena sala de entrada e, em seguida, dirigiu-se ao salão, deixando a porta aberta e permitindo que Virgil pudesse vê-la falar ao ouvido de Joyce Pratt. Embora se encontrasse a alguma distância, o detetive ouviu perfeitamente a resposta que a empregada recebeu:—Impossível! Êle não tem o direito de vir aqui a esta hora. Diga-lhe que não quero ser incomodada e que não aprecio muito a sua visita.

Frank Sims olhou para Virgil, como se lhe estivesse perguntando o que êle tencionava fazer. O detetive, resignando-se e decidindo

agir de uma forma que não lhe agradava, retribuiu o olhar do policial de Los Angeles, indicou-lhe que o seguisse e, depois, entrou no salão.

Encontrou diante de si mais ou menos dezesseis pessoas sentadas em volta de quatro mesas de bridge. Duas dessas pessoas eram homens já de certa idade; as outras eram mulheres. As conversas e o jôgo pararam imediatamente; em poucos segundos, a sala encontrava-se num silêncio total.

—Sr. Tibbs, ninguém o convidou e sua presença não me agrada. Faça o favor de sair.—Joyce Pratt parecia verdadeiramente irritada e sua voz soara como uma ordem; os convidados observavam a anfitriã e os dois recém-chegados com grande interêsse.

Virgil falou muito calmamente, num tom de voz tão baixo que nem todos os presentes o ouviram:—Sr.ª Pratt, preciso falar-lhe imediatamente. Trata-se de um assunto da maior urgência. Estou certo de que seus convidados compreenderão.

—Sr. Tibbs, saia desta casa!—Os olhos de Joyce Pratt brilhavam com fúria e seu pequeno corpo tremia de indignação.

—A senhora não me dá outra alternativa. Eu esperava poder agir de outra forma.—Tibbs continuava a falar em voz baixa e parecia muito controlado.—Sr.ª Pratt, estou aqui para prendê-la pelo assassínio de Albert Roussel. A senhora terá de vir comigo. Sua empregada poderá ir buscar o seu casaco.

Capítulo Décimo Quinto

A Sr.ª Pratt ficou sentada, imóvel, tentando controlar os músculos do rosto. Quando falou, sua voz parecia ter-se alterado completamente, tornando-se rouca e irada.

—Sr. Tibbs! O senhor está louco!

—Receio que não, Sr.ª Pratt—respondeu êle.—Quem contrata alguém para cometer um crime, como a senhora deve saber, é tão culpado quanto o próprio assassino e tem de encarar as conseqüências.

—Não sei de que está falando—quase gritou a Sr.ª Pratt, com cada palavra parecendo envôlta por um véu gelado.

—Aos olhos da lei, a senhora é uma assassina—declarou Tibbs, acrescentando:—Eu conheço a pessoa a quem a senhora contratou para cometer o assassínio. Também sei quando o fêz e qual foi a sua razão. Assim, proponho que não discutamos mais o assunto, de momento. Em virtude de certas decisões legais, muito recentes,

recomendo-lhe que telefone ao seu advogado, da nossa delegacia, e lhe peça que a aconselhe sôbre os seus direitos.

Joyce Pratt cerrou seus pequenos punhos e bateu-os com fôrça no tampo da mesa. Com uma expressão verdadeiramente furiosa, levantou-se e sacudiu a cabeça com grande violência, como se desejasse afastar para longe aquela assustadora aparição.

—Saia da minha casa!—gritou ela.—Saia da minha casa!—Ao assim falar, já totalmente desesperada, as lágrimas começaram a correr-lhe dos olhos.

—Só depois da senhora—respondeu Virgil.

Como uma boneca que tivesse sido acionada por um mecanismo qualquer e tivesse enlouquecido, Joyce Pratt aproximou-se de Tibbs e começou a bater-lhe no peito. Na sua loucura, a Sr.ª Pratt esqueceu-se de onde estava, de que tinha amigos ali, esqueceu-se de tudo, exceto da raiva que a consumia. Gritou tôda a espécie de palavrões a Tibbs, insultando-o, ofendendo a sua masculinidade e a sua raça... Gritou palavras horrorosas, violentas e profanas.

Finalmente, Frank Sims deu um passo em frente e segurou-a, sacudindo-a com certa fôrça.—Já basta!—gritou êle. Em seguida, segurando-a pelo cotovêlo, obrigou-a a dirigir-se para a porta.

Contudo, Joyce ainda não acabara:—Hei de matá-lo, seu bastardo negro!—gritou ela a Tibbs.—Você não pode provar coisa alguma.

Virgil sentiu uma imediata satisfação. Soubera que acertara, mas sua confiança foi fortalecida por aquela confissão inconsciente. Virgil sabia perfeitamente, como sucedia com qualquer policial experiente, que as palavras "você não pode provar" só são faladas pelos culpados.

A empregada surgiu à porta da sala, então, quase surpreendentemente calma, trazendo consigo o casaco de Joyce Pratt. Seu rosto impassível não se alterou quando Frank Sims apanhou o casaco que ela lhe estendera e o colocou sôbre os ombros da patroa. Sims, claro, também ouvira a declaração da Sr.ª Pratt e, assim, ficou a saber sem sombra de dúvida que ela era culpada.

Joyce sacudiu a cabeça mais uma vez e começou a rir, soltando uma gargalhada quase felina que ecoou indecentemente pela sala.

—Você chegou tarde—gritou ela, rindo-se para Tibbs.—Agora, já não os pode ajudar. Eu agi a tempo!

Depois, sua voz pareceu quebrar-se e ela começou a soluçar histèricamente. Virgil olhou para ela e, em seguida, estremeceu.

—Leve-a para a delegacia, Frank—gritou êle, dando meia volta e caminhando ràpidamente para a porta. Abriu-a com um gesto brusco e começou a correr para o seu carro.

Poucos segundos mais tarde, sentava-se diante do volante e

punha o carro em andamento, ligando imediatamente o rádio de comunicação interna da polícia. Já sabia que pouco ou nada poderia fazer, mas tencionava tentar todo o possível para evitar aquela coisa que êle não conseguira prever. Já na estrada, a grande velocidade, acendeu as luzes vermelhas e acionou a sirene automática.

Com todo o dispositivo do carro em código de emergência, para que o tráfego lhe abrisse caminho, alcançou Sunset Boulevard em menos de dois minutos e tomou a direção da auto-estrada de San Diego. Dirigia com apenas a mão esquerda, segurando o microfone na direita. Quando atingiu o cruzamento de estradas, tomou a que ia para o norte e que atravessava as montanhas de Santa Mônica, uma manobra que lhe faria ganhar alguns minutos e o conduziria ao Vale de San Fernando. Quando se encontrou na estrada aberta, Virgil Tibbs desligou a sirene, sabendo perfeitamente que ela não o ajudaria a ganhar mais velocidade e que só poderia causar acidentes—uma lição que o Departamento dos Bombeiros aprendera havia muito tempo.

Mantendo-se em constante contato com a Central de Polícia, Virgil continuou a dirigir a grande velocidade, sempre com a esperança de que lhe dessem alguma notícia otimista. Sabia que nada podia fazer, mas não conseguiu dominar-se. Já dera instruções, pelo rádio, e havia muitos outros seus colegas tentando fazer o que êle não podia fazer, àquela distância, mas Virgil tomara um tal interêsse pelo caso que nada o poderia deter.

Alguns minutos depois, recebeu o primeiro relatório: a delegacia entrara em contato com Dick Mooney, no Hotel Pine Shadows, e êste dissera que estava tudo normal. Ellen Boardman saíra com George Nunn.

Virgil já esperava que isso tivesse acontecido; acelerou ainda mais e, preocupado, olhou para o mostrador da gasolina. Desde que partira, já verificara quatro vêzes o nível da gasolina, sempre com resultado satisfatório, mas sua inatividade, ali dentro do automóvel, e seu desejo de ação, exigiam que, pelo menos, tomasse aquelas pequenas medidas.

Dirigia com tanta concentração que nem reparou no motociclista, um jovem e determinado policial, que se aproximara dêle e, agora, lhe indicava que parasse. Em vez de o fazer, Virgil voltou a acionar a sirene. Logo que a ouviu, o motociclista assentiu ràpidamente com a cabeça e apontou para a frente. Tibbs levantou a mão esquerda, num muito breve cumprimento, e acelerou ainda mais.

Um instante depois, recebeu o segundo relatório: Ellen Boardman e George Nunn não se encontravam no clube de nudistas;

os Nunn sabiam que êles tinham saído juntos, mas não faziam a menor idéia de para onde haviam ido.

Um enorme caminhão começou a trocar de pista, mesmo em frente do carro da polícia. Soltando uma praga, Virgil desviou bruscamente para a esquerda, colocando-se diante de um Oldsmobile branco, que estava viajando à velocidade legal de 100 km por hora, enquanto Tibbs ia a mais de 130. O motorista buzinou, em pânico, quase saindo da estrada. Virgil voltou a tocar a sirene, desejando indicar ao ofendido motorista que se tratava de um carro da patrulha da estrada, a única desculpa que lhe podia apresentar naquele momento.

À velocidade a que ia, não tardou a encontrar-se no cruzamento de São Bernardino. Com grande relutância, diminuiu a velocidade para sair da auto-estrada e entrar na via secundária. Depois, começou de nôvo a acelerar. Apesar das várias curvas e de um certo fluxo de tráfego, o detetive manteve a velocidade de antes e, sem sequer parecer ter a consciência de que se encontrava numa perigosa estrada de montanha, só se preocupava com o próximo relatório que iria escutar no rádio de bordo.

Recordou-se, uma vez mais, de que nada podia fazer para evitar o evidente perigo que os dois jovens corriam; aquela louca corrida para um destino que ainda se encontrava a uma hora de distância era quase uma loucura. Já tomara tôdas as medidas possíveis, pelo rádio, e as delegacias da área de São Bernardino já haviam pôsto em ação os seus melhores homens. Todavia, como um homem perseguido por um demônio, Virgil Tibbs continuava a dirigir ao máximo da velocidade do carro e, também, da sua capacidade como motorista.

Já nas colinas que se erguiam sôbre a baía de Los Angeles, recebeu o primeiro relatório que lhe foi transmitido diretamente pelo Departamento de São Bernardino: o carro de George Nunn não havia sido visto em tôda a região; continuava a ser procurado pelas patrulhas do distrito.

O mostrador do carro indicava quase 150 km horários quando Virgil chegou ao alto de uma colina e começou a descer na direção de Ontário e Fontana. Seus dedos abriam-se e fechavam-se sôbre o volante; o tráfego aumentara e os irados motoristas que êle ultrapassava pareciam procurar com os olhos um motociclista da polícia que prendesse aquêle louco.

Um velho Mercury, modificado para corrida, soprando uma fumaça negra pelo tubo de escape, veio colocar-se ao lado de Virgil, pronto para o desafiar. Desta vez, porém, Virgil nem sequer tocou a sirene; acelerou e deixou a Mercury para trás.

Atravessou Ontário e foi obrigado a diminuir a velocidade

quando a estrada se tornou muito mais estreita. Ultrapassou perigosamente um caminhão diesel que quase ocupava tôda a largura da estrada e ignorou os gestos furiosos do seu motorista. Ao alcançar Fontana, entrou pela pista da esquerda e voltou a ligar a sirene automática. Ignorando os sinais, atingiu a Estrada 66 em menos de oito minutos, seguindo para leste e deixando atrás de si a cidade. Pouco depois, dirigia-se de nôvo para as montanhas.

O tráfego diminuíra e Virgil desligou a sirene. Agora, ouvia perfeitamente as rajadas de vento e o ruído característico dos pneus contra o duro piso da estrada, sentindo também o calor do deserto ao aproximar-se do Passo El Cajon. A escuridão já era quase total e os faróis abriam grandes túneis na noite, enquanto o luar lhe oferecia uma vaga visão dos contornos das montanhas que se erguiam à sua frente. Virgil Tibbs sentia que o corpo estava muito dorido da tensão que se acumulara dentro de si, mas já se encontrava muito próximo do local aonde tão desesperadamente queria chegar e, por isso, não podia descansar um só minuto ou diminuir a velocidade do carro. Esperava encontrar, a qualquer momento, um outro carro da polícia, mas aparentemente ninguém se lembrara de mandar patrulhar aquela estrada secundária, que êle considerara ser o melhor desvio para chegar mais depressa.

Alguns minutos depois, encontrava-se na base da montanha e começava a subida. Dispusera de muito tempo para pensar e já sabia para onde devia dirigir-se. Os outros locais prováveis já estariam sendo vigiados; um carro da patrulha aguardava silenciosamente em frente da casa de Ellen Boardman e um outro encontrava-se estacionado junto do portão do Sun Valley Lodge. Só faltava vigiar um lugar e, quando voltou a pensar nos perigos que êle oferecia, Virgil sentiu um repentino pavor.

—Que noite encantadora...—disse Ellen Boardman.

—Não há dúvida—respondeu George Nunn, diminuindo a velocidade para entrar numa curva apertada e voltando a acelerar quando se aproximou da subida seguinte. No final da subida, já quase no ponto mais alto da montanha, George saiu da estrada e foi parar o carro num pequeno parque de estacionamento, ao lado da plataforma de onde a môça gostava de admirar a paisagem. Quando desligou o motor, apertando com cuidado o freio de mão, os dois jovens puderam avistar imediatamente o fantástico lençol de luz que se estendia sôbre a silenciosa planície, lá embaixo, a mais de um quilômetro de distância.

Ellen voltou-se para êle e sorriu, como se lhe agradecesse a idéia

de ter parado no seu local preferido. George abriu a porta e ajudou a môça a descer. Ao fazê-lo, notou que havia outro carro estacionado um pouco mais adiante; o casal que se encontrava dentro daquele carro, decidiu George, escolhera o local por não desejar ser incomodado. Depois, afastou aquela suposição do seu pensamento.

Os dois jovens encaminharam-se para a extremidade da plataforma e ficaram imóveis, de mãos dadas, absorvendo silenciosamente o vasto panorama de milhares de luzinhas que desafiavam a crescente escuridão da noite. George apertou com carinho a mão de Ellen e ficou muito emocionado quando aquela ligeira pressão foi retribuída pela môça.

Não viu a sombra escura que se aproximava dêles; não ouviu o menor som. Seu pensamento e todo o seu ser estavam concentrados na môça que tinha a seu lado; naquele mesmo instante, decidira-se a beijá-la. Voltou-se para ela e, com um súbito choque, verificou que não estavam sós. Olhou para a sombra e viu um rosto diabólico.

Respirou fundo e, num ápice, compreendeu o que estava acontecendo.

Compreendeu quem era aquêle homem e o que êle era, sabendo perfeitamente, quase inconscientemente, que teria de lutar—provàvelmente para salvar Ellen e, também, sua própria vida. A môça só naquele instante notou a presença do desconhecido, recuando um passo e olhando para George, que se colocou à sua frente e, com grande coragem, falou ao homem:—Que deseja?

Durante um breve momento, o rapaz, não vendo qualquer arma na mão do homem, sentiu uma certa esperança; no mesmo instante, ouviu uma exclamação assustada de Ellen e compreendeu que ela também adivinhara quem era o homem.

O luar permitiu-lhe examinar mais atentamente o homem que êle calculara ser o assassino e, quando êste levantou as mãos e começou a avançar, George quase perdeu as esperanças.

O rapaz perdeu um segundo a pensar se devia ou não tirar o paletó para libertar os braços e lhes dar mais agilidade na luta. Compreendeu imediatamente que não teria tempo para o fazer e que a demora lhe poderia ser fatal. Assim, colocou-se em posição de defesa e preparou-se para o pior. Nunca se dedicara ao pugilismo ou à luta, mas sentiu-se sùbitamente cheio de coragem e determinação. Decidiu que, no primeiro ataque, se defenderia com a esquerda e tentaria, com a direita, atingir o queixo do adversário.

O corpulento homem lançou-se para a frente, segurando com

fôrça o pulso esquerdo de George e, com a outra mão, apertando a sua garganta.

Usando de tôda sua fôrça, George desfechou um potente murro nas costelas do homem. A pancada fôra tão brutal que sua mão direita pareceu desintegrar-se, mas o murro não produziu o menor efeito. O homem continuava a apertar-lhe a garganta e a dor parecia paralisar-lhe todo o corpo.

Depois, o rapaz ouviu Ellen gritar e viu-a atirar-se contra o atacante. A môça descalçara um dos sapatos e tentava, em vão, atingir a cabeça do homem.

O assassino abrandou a pressão sôbre a garganta de George e, com o braço que tinha livre, empurrou a môça como se tratasse de um débil ramo de arbusto. Ellen recebeu a pancada no peito e caiu para trás, ficando estendida no chão.

Então, recordando um truque que lhe haviam contado, George reuniu tôdas as suas fôrças para desfechar um golpe baixo com o joelho. Já quase atingira o seu alvo quando os poderosos músculos das pernas do outro homem se apertaram um contra o outro e prenderam o joelho de George.

Com o rapaz quase imobilizado, o assassino começou a apertar-lhe a garganta com as duas mãos e, ao mesmo tempo, a empurrá-lo para baixo. Sem poder reagir, George viu o homem levantar o joelho em direção ao seu rosto e, num segundo, compreendeu que estava perdido. Pouco depois, jazia por terra, inconsciente.

Um facho de luz, na distância, iluminou sùbitamente a estrada. No mesmo momento, o ruído de um carro que se aproximava quebrou o silêncio da noite.

O atacante, que parecia verdadeiramente gigantesco à luz sombria do luar, desfechou um forte pontapé nas costelas de George e, em seguida, atirou-se para o chão, ficando deitado ao lado de Ellen e tapando-lhe a bôca com sua enorme mão.

Desesperada, a môça pensara tentar falar com o homem, pedir-lhe misericórdia, se necessário, mas isso, agora, já não era possível. Teve de lutar para poder respirar. Aquela horrenda mão continuava comprimindo-se contra o seu rosto e, vendo a pouca distância o corpo imóvel de George, compreendeu que ia ser violada. Procurou livrar-se com pontapés e contorções, mas a incrível fôrça bruta do homem obrigou-a a ficar imóvel.

O carro aproximava-se, subindo a montanha a grande velocidade. Os faróis alcançaram o alto da colina, iluminando o parque de estacionamento e, depois, as três sombras estendidas no chão. O automóvel, parecendo ganhar ainda mais velocidade, aproximou-se velozmente e Ellen teve a sensação de que ia ser esmagada pelas suas rodas; depois, desviou-se para um lado e o cheiro de

borracha queimada, quando os freios foram aplicados brutalmente, sobrepôs-se ao suave aroma dos pinheiros.

O assassino levantou-se no mesmo instante, quase parecendo ter saltado; avançou para o carro e meteu o seu potente braço pela janela aberta, tentando agarrar o homem que se encontrava ao volante.

Já esperando aquêle ataque, Tibbs afastou-se ràpidamente para a direita e abriu a outra porta, saltando para fora do carro.

Chamando a si um resto de energia, Ellen gritou:—Cuidado!

Virgil não precisava daquela advertência, mas ficou sabendo que a môça ainda estava viva e que êle chegara a tempo. Olhou ràpidamente para George, que continuava imóvel, e percebeu que o rapaz estava inconsciente ou, pior ainda, morto. Isso dava-lhe ampla justificação para aquilo que tinha de fazer. Não podia perder mais tempo. O corpulento homem surgira à sua frente.

Tibbs sabia que o adversário pesava quase mais trinta quilos do que êle. Por sua vez, o assassino reconhecera no recém-chegado um inimigo mortal, fazendo um esfôrço deliberado para controlar a respiração e diminuir a tensão do corpo, de maneira a poder mover-se com mais agilidade. Conforme aprendera a fazer durante muitos anos, Tibbs aguardou que o outro atacasse primeiro.

Êsse ataque surgiu muito ràpidamente, sem a menor advertência. O corpulento homem rodopiou sôbre si mesmo e desfechou um pontapé violento na direção das costas de Virgil. Quando a perna do homem se levantou, Virgil saltou para a esquerda e preparou-se para enfrentar o ataque. Fazendo um movimento muito rápido, deixando-se cair, ficando com a perna direita estendida sôbre o solo e com o corpo apoiado sôbre o joelho esquerdo. Com a maior parte do seu pêso repousando sôbre o músculo situado abaixo do joelho esquerdo—atitude conhecida, em têrmos de karatê, como *zenkutsu-dachi*—Virgil passou o braço esquerdo em frente do corpo, com o cotovêlo dobrado e o punho fechado, colocando a mão direita atrás do cotovêlo esquerdo, para lhe dar mais fôrça. Quando o impacto do pontapé do atacante o atingiu, Tibbs sentiu uma dor aguda no braço, mas conseguiu o que queria: a violência do pontapé fôra amortecida.

Contra-atacando instantâneamente, Virgil cruzou os braços em frente do peito, como se se abraçasse, e desfechou um golpe com o cotovêlo direito, imensamente brutal, nas costelas do assassino.

O homem estremeceu ao ser atingido, soltando um queixume, como um animal ferido, mas reagiu imediatamente com um direto ao abdômen de Virgil. Êste, com grande rapidez e maestria, baixou o braço esquerdo e recebeu o murro no próprio punho, afastando do corpo a mão do homem. Depois, tendo ganho uma vantagem

durante aquêle breve segundo, inclinou-se para a esquerda, levantou a perna direita e desfechou um tremendo pontapé no braço do adversário.

O assassino, porém, também fôra bem treinado naquele tipo de luta: bloqueou o pé de Virgil com seu musculoso antebraço e ergueu o joelho para atingir Virgil na parte mais sensível do corpo. O detetive conseguiu manter o equilíbrio. Já se inclinara um pouco para a esquerda e levantou o próprio joelho para se proteger daquele golpe baixo. Sabia perfeitamente que, agora, não se encontrava numa simples prova de fôrça e agilidade contra um adversário amigo; aquela luta era mortal, impiedosa e sem salvação para o perdedor. Tendo plena consciência dêsse fato, Virgil Tibbs apoiou-se sôbre a perna direita, com o joelho dobrado, e desfechou nôvo pontapé com a perna esquerda, servindo-se de tôda a velocidade de que dispunha. Sentiu imediatamente que atingira a parte mais frágil do tórax do adversário e sabia que o fizera com grande violência.

Apesar da frescura da noite e da pureza do ar da montanha, seus pulmões lutaram duramente para que a respiração voltasse à normalidade. Ofegante, com a camisa molhada, colada ao corpo, Tibbs sentiu que transpirava abundantemente. Sentia também uma grande dor na mão esquerda, com a qual bloqueara o golpe apontado ao seu abdômen. Precisava, desesperadamente, de retomar o fôlego, mas não o conseguia fazer.

Durante um momento, os dois homens ficaram imóveis, um em frente do outro, ambos conscientes de que o adversário era um lutador emérito e bem treinado—um dêles, na violência da luta de rua, o outro, nas técnicas mortais e refinadas do karatê. Virgil não permitiu que aquela pausa o enganasse; continuava apoiado sôbre a perna direita com a esquerda colocada um pouco à frente do corpo e, à luz difusa do luar, observava com atenção o olhar do outro homem, sabendo que era dêsse olhar que viria a primeira advertência de nôvo ataque.

Notou perfeitamente o pestanejar do homem antes de seu punho se lançar num tremendo murro, conseguindo bloqueá-lo totalmente com a mão esquerda. Tibbs estava preparado para tudo, mesmo que aquêle ataque fôsse meramente um truque para lhe desviar a atenção. Resolvendo tomar a iniciativa, desviou-se ligeiramente, dando meia volta sôbre si mesmo e, sem mover os pés, preparou-se para atacar. Então, no mesmo instante em que o fazia, compreendeu que o assassino cometera o primeiro êrro: seu abdômen estava desprotegido.

Virgil lançou o braço direito para a frente, não para desfechar um murro, mas apenas para lhe fornecer a fôrça de ricochête de

que precisava. Com o corpo descontraído, fêz recuar o braço, girou sôbre si mesmo, de nôvo, até se encontrar exatamente diante do adversário e, concentrando tôdas as fôrças, ao mesmo tempo em que combinava o movimento das ancas e dos ombros com o murro do braço esquerdo, Virgil desfechou um direto potentíssimo com a mão direita, reunindo nêle tôda a fôrça de seus músculos e apontando-o ao centro do abdômen do outro homem.

No mesmo instante em que o impacto se verificou, Tibbs acrescentou um resto de energia que ainda lhe restava em todo o corpo—pernas, ancas, tronco, ombros e braços—e o seu punho foi enterrar-se com a totalidade do poder dos seus bens treinados músculos.

Aquêle tão especial e mortífero murro, o *gyaku-zuki,* atingiu o corpulento inimigo no ponto vital, um pouco abaixo do peito, exatamente no centro do abdômen. O homem começou a cair e Virgil, levantando a mão direita, aberta e rígida, acertou-lhe mais um potente golpe no pescoço.

Foi um tremendo golpe, desfechado com uma total exatidão. O homem caiu, aparentemente imóvel, um monte de carne e osso, com a sua brutalidade e maldade escoando-se dêle como água de um jarro quebrado. Virgil ficou de pé, com o suor a correr-lhe por entre os olhos, os pulmões procurando ansiosamente absorver um pouco de ar fresco e o seu peito arquejando de dor. Pensava que a luta terminara, de fato, mas não se podia arriscar a cometer um êrro de distração.

Virgil Tibbs não desviou o olhar do corpo imóvel do assassino, quando Ellen passou por êle, correndo em direção a George Nunn, ao lado do qual se ajoelhou. Virgil sentiu uma viscosidade entre os dedos e percebeu que suas mãos estavam sangrando. Entretanto, Ellen começara a cuidar de George, passando-lhe um lenço pelo seu rosto coberto de sangue.

—Já vem ajuda—disse Virgil, sem se voltar e continuando a olhar para o assassino.—Tive tempo para falar com a Central antes de parar o carro.

Ellen olhou para êle e seus lábios moveram-se, mas a môça não conseguira articular qualquer palavra. Por um momento, Virgil olhou para ela e isso quase lhe custou a vida. No aparentemente inerte homem, caído por terra, um braço movera-se inesperadamente e, com grande rapidez, procurara segurar o pé do detetive. Êste levantou o joelho no último momento e, sem a menor piedade, acertou um fortíssimo pontapé no corpo do assassino. Sentiu as costelas do homem cederem com o impacto do chute e, desta vez, ficou certo de que a luta terminara.

Ellen começou a chorar. Estava sentada no chão e seu corpo

estremecia com os soluços. Virgil olhou uma vez mais para o homem, caído por terra, e encaminhou-se depois para o lugar onde George se encontrava. Ajoelhou-se ao lado de Ellen, encostou a cabeça ao peito de George e escutou sua respiração.

—Êle está um pouco abalado—disse Virgil—mas creio que não será muito grave e que depressa estará em forma. Tem bom físico e é um rapaz rijo...

Ellen conseguiu, por fim, encontrar a voz:—Êle tentou tão duramente...—disse ela, soluçando.

No silêncio que se seguiu, ambos puderam ouvir perfeitamente o som de um motor ecoando na noite. Ainda se encontrava muito longe, na base da montanha, mas era evidente que um automóvel se aproximava muito velozmente.

Virgil tinha no seu carro tudo o que era necessário para tratar do rapaz, mas achou que era melhor esperar; seus colegas da polícia teriam pensado, por certo, em trazer com êles uma ambulância. O ruído do motor aumentara de intensidade. O automóvel já estava perto.

—Você... matou-o?—perguntou Ellen, olhando para o homem que estava estendido no chão a alguns metros de distância.

—Não o creio—respondeu Virgil.—Êsse último pontapé foi o pior que lhe dei, mas não tive outro remédio.

—Sei disso—assentiu ela.

Então, os lábios de George emitiram um som incoerente e muito baixo, como se deixassem escapar um pouco de ar. Ellen curvou-se e beijou-o, sem se preocupar com a sujeira, o sangue coagulado ou mesmo o homem que os observava.

O esperado carro alcançara a última subida; seus faróis iluminavam a encosta da montanha.

Ellen olhou para Virgil.—Se você não tivesse chegado a tempo...—começou a môça a dizer, não conseguindo terminar a frase.

—O prazer foi todo meu—respondeu êle. Aquela declaração não parecia adaptar-se bem à situação. Virgil tinha as mãos cobertas de sangue, o corpo cheio de dores e ainda tinha certa dificuldade em respirar, como se o peito tivesse sido esmagado. Ainda não recuperara o fôlego e o corpo lutava desesperadamente para voltar à normalidade.

A mão esquerda de George moveu-se ligeiramente contra o chão. Ellen levantou-lhe a cabeça muito suavemente e ficou imóvel, sem saber bem o que fazer. Virgil lembrou-se de que ainda estava de paletó; despiu-o, dobrou-o fazendo uma almofada, e colocou-o debaixo da cabeça de George.

O carro já estava muito perto e os seus faróis iluminaram o parque de estacionamento.—Quem é êste... terrível homem?—per-

guntou Ellen, olhando para aquêle corpo imóvel estendido no chão.

Virgil levantou-se, cambaleando, e quase não conseguindo manter-se de pé.—O único que poderia ter sido o assassino—respondeu êle, falando cansadamente. De súbito, a feroz tensão que o impulsionara durante as duas últimas horas desapareceu por completo, fazendo com que êle pudesse controlar os próprios movimentos.—Só havia um homem que sabia o suficiente e que pensava ter um motivo.

Virgil Tibbs continuava de pé, sem energias, totalmente esgotado. Os faróis do carro da polícia iluminavam seu corpo cambaleante.

—Creio que você o viu uma vez, no seu hotel. Chama-se Brown, Walter Brown. Entre outras coisas, êle é o motorista de Walter McCormack.

Capítulo Décimo Sexto

O ARDENTE E ESPLENDOROSO sol da Califórnia erguia-se gloriosamente num céu muito azul e presenteava aquela terra com um dia tão magnífico que até merecia a admiração dos seus próprios filhos nativos, embora vivendo sempre num clima privilegiado. O tempo estava tão esplendido que a Sr.ª Mary Agnew abandonou o habitual isolamento da sala de estar e foi sentar-se no gramado do seu jardim, de onde, estava certa, não poderia perder qualquer pormenor do que se passava na vizinhança.

Quando o carro da polícia passou lentamente diante da sua casa, a Sr.ª Agnew ficou muito contente: por fim, a polícia ia fechar aquela colônia de nudistas! Ficou desapontada por se tratar de apenas um carro, mas já era um bom comêço. A Sr.ª Agnew esperava com verdadeira paixão que os policiais fôssem arrastar para fora do clube aquela môça loura, gritando e esperneando, para a levar para a cidade e a tornar num espetáculo público.

A Sr.ª Agnew tinha uma mentalidade com a forma de um buraco de fechadura. Grande parte da sua vida fôra dedicada quase exclusivamente ao incansável escrutínio de tudo o que acontecia dentro do raio da sua visão. Seu maior segrêdo, que jamais revelara a pessoa alguma, era o fato de, embora jamais tivesse se casado, ter dado à luz um filho quando tinha dezoito anos; desde êsse momento, a Sr.ª Agnew dedicara-se a aprender tudo o que era possível sôbre os erros do resto da humanidade. Para ela, a existência de nudistas, não só no mesmo planêta, mas ali adiante, perto da

sua casa, era quase insuportável. Passava o dia inteiro esperando pelo glorioso momento em que veria uma caravana de carros da polícia cercar o diabólico clube para expulsar daquelas terras os malditos hereges. O solitário carro que passara havia pouco pela sua casa dera-lhe alguma esperança e, assim, a Sr.ª Agnew curvou-se para a frente, procurando ver se êle passava pelo portão do clube.

Para sua delícia, foi isso mesmo que sucedeu.

Contràriamente aos seus hábitos, a Sr.ª Agnew perdera um pormenor: não vira o homem que dirigia o carro. Se o tivesse visto, sua imaginação depressa teria conjurado incríveis possibilidades com respeito à sua presença no clube de nudistas. A Sr.ª Agnew tossiu, lembrando-se de que esquecera de tomar o seu remédio.

De fato, Virgil Tibbs entrara pelo portão e fôra parar o carro no parque de estacionamento do clube. Quando desceu do carro e ficou imóvel por um momento, pensativo, ouviu o alegre otimismo dos pássaros nas árvores e, em tôda a área da piscina, ouviu também os gritos e os risos das crianças brincando na água.

Começou a andar em direção à casa e encontrou-se com Carole; teve de olhar duas vêzes para a reconhecer, visto estar ela vestida.

—Olá, Virgil—disse ela, correndo para êle.

—Boa tarde, Carole—respondeu Virgil, estendendo-lhe a mão. A suave pressão dos dedos da caçula foi como um bálsamo para a mão de Virgil, ainda em carne viva. O detetive sentiu-se sùbitamente muito sereno e à vontade, como se estivesse em sua própria casa.

—Fiz com que Linda prometesse que eu podia vir esperá-lo—confessou Carole, acompanhando-o até à porta da grande cozinha da família. Forrest Nunn veio ao seu encontro e acolheu-o muito calorosamente.

—Obrigado—disse êle, falando com grande simplicidade—pelo que você fêz para salvar o meu filho.—Na realidade, talvez fôsse a entoação dada àquele "meu filho" que tornou muito eloqüentes as suas palavras.

—Estou muito contente por ter chegado a tempo—respondeu Virgil. Entre aquêles dois homens, que já se conheciam bem um ao outro, não havia necessidade de maior explicação.

Emily também o esperava à porta e, com grande surprêsa de Tibbs, tinha lágrimas nos olhos. A mãe de George olhou para êle e, segurando-lhe as mãos com carinho, perguntou:—Virgil, que posso eu dizer-lhe?

—George comportou-se como um verdadeiro homem—disse Tibbs, tentando esconder a emoção.—Eu apenas cheguei a tempo para acabar o trabalho que êle já tinha começado, nada mais.

Emily sacudiu a cabeça e apertou os lábios com fôrça.—Entre, entre—murmurou ela, não encontrando outras palavras.

Tibbs deparou-se com um pequeno grupo reunido na cozinha. Ellen Boardman encontrava-se sentada à mesa, ao lado de George; além de uma atadura na cabeça e de um esparadrapo no nariz, o rapaz parecia bastante normal.

William Holt-Rymers estava sentado diante de uma xícara de café e de um grande cinzeiro cheio de pontas de cigarros.

Só faltava Linda, mas de certo modo ela também se encontrava presente. A um canto da cozinha, Virgil viu sôbre um cavalete uma tela que capturava com geniais pinceladas um tal brilho e uma beleza tão extraordinária que a pintura provocava uma surpreendente impressão de realidade. Nos verdes, amarelos e marrons das árvores, em volta da piscina, que o pintor escolhera para seu fundo paisagístico, havia uma grande beleza e serenidade, uma verdadeira visão da fôrça da natureza, mas essa paisagem era eclipsada quase totalmente pelo radiante retrato de Linda. Esta parecia ter sido transformada numa espécie de símbolo de tôda a juventude feminina, desde os seus olhos muito azuis até aos seus firmes e harmoniosos seios. Era, na realidade, um maravilhoso retrato.

Virgil voltou-se para Holt-Rymers:—Magnífico.

O artista encolheu os ombros, respondendo-lhe com grande simplicidade:—Você caça assassinos e eu, por meu lado, pinto retratos.

—Linda está na piscina, ensinando as crianças a nadar—informou Carole.—Não tardará a vir ter conosco.

Virgil olhou uma vez mais para a pintura, não escondendo a sua admiração. Teria dado tudo o que possuía para poder criar uma coisa tão bela quanto aquela. Nenhuma fotografia poderia produzir o efeito de um retrato como aquêle; nenhum filme poderia criar os efeitos que Holt-Rymers conseguira pôr na sua pintura.

—Estaremos prontos para ouvir a sua história logo que Linda acabe a aula de natação e se vista—disse Emily.—Não vai demorar muito. Faça o favor de se sentar que eu lhe vou servir um cafèzinho.

Virgil sentou-se e, voltando-se para Ellen, perguntou-lhe.—Como se sente, Sr.ta Boardman?

Ellen estendeu a mão e colocou-a sôbre a de Tibbs. Orgulhava-se grandemente, e sentia um grande prazer nisso, de se recordar do que aquelas mãos, tão fortes e ao mesmo tempo tão delicadas, agora ainda feridas, em carne viva, haviam feito para salvá-la, não só a ela como também a George.

A porta abriu-se e Linda entrou na cozinha quase correndo e esfregando vigorosamente o pescoço com uma toalha. Virgil olhou para Ellen, a fim de tentar perceber o efeito que a nudez de Linda lhe causava, não notando a menor reação da môça.

—Virgil!—exclamou Linda parando e olhando para êle. Virgil

teve um certo receio do que ela iria dizer e, na verdade, a frase foi um pouco ousada:—Por que motivo é que os homens não são todos como você?

Em tôda sua vida, Virgil Tibbs jamais ouvira alguém fazer-lhe uma pergunta como aquela. Sem saber como responder, baixou o olhar e sentiu um nó na garganta. Esqueceu-se sùbitamente da atraente môça que se encontrava nua diante dêle, esqueceu-se dos outros que estavam presentes, lembrando-se ùnicamente de que, durante um breve fragmento de tempo, fôra julgado e considerado como um homem e não como um negro. Além disso, mesmo como homem, recebera um elogio de que poucos se poderiam gabar.

Durante aquêles poucos segundos, Virgil Tibbs deixou de ser um negro: era um homem, pura e simplesmente, sem pertencer a qualquer raça específica. Era um ser humano que conseguira desempenhar-se bem de uma tarefa.

Aquêle foi um dos maiores momentos da sua vida. O detetive olhou para as mãos feridas, respirou fundo e, depois, voltou à realidade.

—Muito obrigado—disse êle, nada mais acrescentando, na esperança de que ela compreenderia o que êle estava sentindo.

—Por que não vai se vestir?—perguntou Emily à filha.—Sim, é melhor ir vestir-se já, para não fazer Virgil esperar muito tempo...

Linda sacudiu a cabeça loura.—Estarei pronta dentro de dois minutos—exagerou ela—mas, se Virgil nos contar como solucionou o crime e descobriu tantas coisas em tão pouco tempo, não quero perder uma só palavra.

—Sim, por favor, Virgil, conte-nos tudo—pediu Ellen.

Carole aproximou-se da mesa com uma xícara de café e um prato com os famosos doces que Emily sempre fazia para os convidados, perguntando a Tibbs:—Será que prefere um chá gelado?

Virgil desejava muito dizer que sim, que preferia o chá, mas lembrou-se de que o café já estava servido e de que êle era um convidado. Hesitou durante um momento e Carole, com a percepção de um adulto, correu logo para a geladeira. Linda, entretanto, saíra da cozinha para ir vestir-se.

—Lamento não ter cerveja gelada para lhe oferecer—disse Forrest, desculpando-se.—Infelizmente, as bebidas alcoólicas são tabus nos clubes de nudistas.

—O chá gelado será perfeito—respondeu Tibbs.

O chá foi servido e Virgil acrescentou-lhe limão e açúcar, saboreando-o imediatamente e parecendo aprovar a idéia de Carole. O detetive estava muito satisfeito por se encontrar ali, com aquela gente tão agradável, gozando de um dos poucos períodos de verdadeiro repouso naqueles últimos dias.

Pouco depois, Linda regressou à cozinha, já vestida e com uma escôva de cabelo na mão.—Pode começar—disse ela, sentando-se.

Virgil verificou, então, que estavam todos olhando para êle.

—Prometi dar-lhes uma explicação do que sucedeu, pois acho que têm direito de sabê-lo—começou êle—mas receio que a história não seja muito interessante.

Forrest, olhando para a caçula, disse-lhe:—Carole, isto não será muito divertido para você e o melhor é ir brincar no jardim...

—Tenho de ir?—perguntou Carole.

—Parece-me que seria muito boa idéia.

Evidentemente desapontada, Carole saltou da cadeira e dirigiu-se para o grande gramado que se estendia diante da casa. Depois da mocinha sair, Forrest olhou para Tibbs, uma vez mais, e fêz-lhe sinal para que continuasse.

—Vocês já conhecem bem o início da história—disse Virgil.—O corpo do falecido Dr. Roussel foi encontrado na piscina do clube, inteiramente nu, tendo ficado apenas com as lentes de contato. Estas pareceram oferecer uma pista prometedora, mas o fato de eu ter encontrado o fabricante de umas lentes de contato semelhantes em nada me ajudou, visto tratar-se de uma pista falsa. Depois da Sr.ta Boardman ter mencionado a ausência do tio, o que foi uma sorte, devido à perspicácia de um policial alerta, tivemos, finalmente, a nossa primeira possibilidade de seguir adiante com as investigações.

—Queria pedir-lhe que me chamasse Ellen, não Sr.ta Boardman, como sempre tem feito.

—Esplêndido, terei o maior prazer em fazê-lo. Em seguida, com a identificação do Dr. Roussel, houve vários pormenores que se tornaram aparentes. Um dêles foi o fato de a morte do Dr. Roussel, se você me perdoar mencioná-lo, Ellen, parecer estar diretamente relacionada com os assuntos da sua emprêsa de patentes, como o estava, na realidade. Isto chamou a nossa atenção para os quatro restantes acionistas; normalmente, os crimes de morte requerem um motivo muito forte e o dinheiro é um dos motivos mais fortes que existem.

—Não para todo o mundo—interrompeu Linda.

—Tem razão, mas também é verdade que nem todo o mundo comete crimes de morte. Tudo o que tínhamos como pista, além do que lhes acabei de contar, era o fato de ter sido o cadáver colocado na piscina do clube para atrair a atenção. Por outras palavras, para que o crime fôsse noticiado nos jornais. Isso não passava de uma hipótese, claro, mas não contávamos com qualquer outro elemento que nos pudesse auxiliar.

—E, afinal, essa foi a razão?—perguntou Forrest.

—Apenas em parte. Tivemos grandes dificuldades com êsse problema, desde o início do caso, e durante muito tempo não conseguimos solucioná-lo. Nesta região, como todos sabemos, seria muito mais seguro fazer desaparecer o corpo num dos inúmeros precipícios das montanhas; colocá-lo na sua piscina era imensamente mais perigoso e o assassino, para o fazer, devia ter uma razão muito especial. Além disso, onde se encontrariam as roupas e os outros objetos pessoais do morto?

—Eu poderia mencionar uma razão bastante plausível—disse Emily—e Linda também já a mencionou. Como você deve saber, Virgil, ainda existe muita gente que não pode suportar a idéia dos clubes de nudismo, apenas por êstes irem contra certos preconceitos. Era muito possível, portanto, que alguém quisesse prejudicar-nos, tentando acusar-nos de um crime tão horrível como êste.

—Não—respondeu Tibbs.—A sua lógica é razoável, mas tínhamos *duas* possibilidades, neste caso, e a senhora só está considerando uma delas.

—Qual é a outra?—perguntou Linda.

Tibbs não lhe respondeu imediatamente, olhando-a durante alguns segundos, só então dizendo:—Você queria brincar de detetive e começou bastante bem. Agora, veja se consegue descobrir qual é essa segunda possibilidade. Tem alguns minutos para pensar, antes de eu chegar a êsse ponto.

O investigador voltou a beber um pouco do seu chá gelado e, em seguida, prosseguiu:

—O pormenor seguinte que mais me ajudou tem origem numa fonte muito conhecida: Shakespeare.

—William Shakespeare?—perguntou George, sorrindo.

Virgil assentiu.—Lembram-se do momento em *Macbeth* em que é dada a notícia da morte do rei? Em vez de parecer muito chocada e afligida pela notícia, a famosa Lady Macbeth disse: "O quê, na nossa casa?", tendo-se desmascarado nesse mesmo momento.

—"Olhem para a Dama—recitou Ellen,

—E quando tivermos escondido as nossas fraquezas,

Que sofrem ao ser expostas, poderemos encontrar-nos,

E investigar êste tão sangrento crime."

Virgil Tibbs olhou para a môça com grande admiração.

—Conheço muito bem a peça e até a representei uma vez, no colégio—explicou Linda.—Faça o favor de continuar...

—Como parte da investigação de rotina, fui visitar a Sr.a Pratt e isso quando a notícia da morte do Dr. Roussel ainda não tinha sido anunciada. Isto é, a identificação do cadáver encontrado na piscina ainda não tinha sido tornada pública. Quando informei

a Sr.ª Pratt de que seu grande amigo e suposto noivo tinha morrido, ela disse apenas: "O senhor não se está referindo ao homem encontrado no clube de nudistas, pois não?" Foi então que me lembrei de Lady Macbeth. Tinha-lhe dito, apenas, que havíamos encontrado o cadáver de um homem que se assemelhava ao Dr. Roussel, mas não lhe dissera sequer que isso acontecera na região. Podia ter sido no estrangeiro, mas ela relacionou logo o fato com o clube de nudistas, o que me pareceu muito estranho, visto que a chegada do Dr. Roussel ao nosso país ainda não fôra anunciada.

—Naturalmente, portanto, concentramos a nossa atenção sôbre a Sr.ª Pratt—prosseguiu Tibbs.—Claro, ela era fisicamente muito débil para ter cometido tal crime, mas tive a certeza de que estava envolvida no caso, talvez não como responsável direta, mas tendo algum conhecimento das circunstâncias do crime. Era evidente que, culpada ou não, a Sr.ª Pratt não tinha a menor intenção de revelar o que sabia.

—Então, o senhor desconfiou logo dela, na sua primeira visita? —perguntou Holt-Rymers.

—De certo modo, sim... Mas, naturalmente, uma suspeita não é uma prova. Além disso, para falar com franqueza, não engoli completamente aquela história que ela me contou sôbre ir casar-se com o Dr. Roussel. Se ela fôsse sua noiva, e o amasse, não teria descrito o Dr. Roussel como "o homem encontrado no clube de nudistas"... Essas palavras foram, muito simplesmente, demasiado frias e duras.

Ellen estremeceu ligeiramente, mas nada disse.

—Tive outra indicação preciosa quando falei com o motorista do Sr. McCormack, Walter Brown. Essa conversa foi puramente acidental; nem eu sabia que Walter Brown existia, quando fui visitar seu patrão. O motorista estava lavando o carro e falamos durante alguns instantes. Brown disse-me, então, que Sr. McCormack estava muito abalado por ter sabido que um seu amigo íntimo fôra assassinado num clube de nudistas. Essas palavras foram uma perfeita confissão, visto que êle não tinha maneira de ter conhecimento do fato a não ser que o Sr. McCormack estivesse envolvido no crime e lhe tivesse contado. Por outro lado, eu estava certo de que isso era impossível, exceto se ambos fôssem culpados. Verifiquei muito cuidadosamente os fatos e averiguei que a identificação ainda não tinha sido tornada pública quando falei com Walter Brown.

Virgil voltou-se para Holt-Rymers:—Talvez você se lembre de me ter dito, quando o visitei, que acabara de ouvir a notícia no rádio. Também verifiquei essa sua afirmação e, além do mais, o que me disse sôbre a notícia não ter sido publicada no jornal da

manhã. Confirmei sua história e convenci-me de que você não me estava enganando.

—Que Deus nos ajude, a nós, pecadores.—O artista sentou-se mais confortàvelmente e cruzou as pernas.—Não teria o motorista podido ouvir uma transmissão radiofônica anterior, mais cedo, naquela manhã? O que quero dizer é que você parece ter dependido muito da hora exata do noticiário...

Tibbs sacudiu a cabeça.—Na verdade, a notícia só foi anunciada pùblicamente quando eu já estava almoçando. Mas existe uma outra consideração que, só por si, me ajudou a preocupar-me muito especialmente com Brown: se êle tivesse acabado de tomar conhecimento da notícia, estou certo de que não me daria a informação de um modo tão casual. Existe uma maneira de dizermos as coisas que acabamos de saber e uma outra, muito diferente, de mencionar assuntos que já não são novidade. O motorista falou como se conhecesse a notícia havia já algum tempo. Isso foi o que me impressionou naquele momento.

—Por outras palavras, deu-lhe a notícia como se não fôsse uma novidade de última hora—sugeriu Forrest.

—Exatamente. Neste nosso negócio da investigação, temos sempre de prestar atenção a pormenores como êsse. Na verdade, existem sempre duas fases essenciais na solução de qualquer caso. Em primeiro lugar, é preciso descobrir o que aconteceu; em seguida, depois de têrmos uma idéia das circunstâncias do crime, é preciso reunir provas suficientes para assegurar uma condenação no tribunal, o que nem sempre é o mesmo. Eu não poderia esperar convencer um júri pela mera descrição da maneira de falar de Walter Brown, mas isso foi-me muito útil para me ajudar a descobrir o que aconteceu.

Emily sacudiu a cabeça, um pouco surpreendida pela complexidade daqueles métodos.—Não creio que desejaria ter o seu trabalho, Virgil—disse ela.

—A vida de um policial nem sempre é fácil—comentou Tibbs. —Agora, vou tentar apresentar-lhes as várias facêtas do caso, como eu as vi durante a investigação. Dos quatro restantes acionistas da firma Patentes Roussel, dois se encontravam em boa situação financeira e os dois outros, pode dizer-se, encontravam-se em circunstâncias desesperadas, ou quase desesperadas. O caso do Sr. McCormack pareceu-me não oferecer quaisquer dúvidas: tratava-se de um homem rico, de um milionário. Todavia, resolvi verificar a solidez da sua fortuna, com um resultado muito satisfatório. Também procurei confirmar a sua declaração, meu caro Bill, quanto ao número de quadros que me disse vender e, também, no que se refere ao preço a que os vendia.

—Não creio que deseje continuar a ser seu amigo—disse Holt-Rymers.—Você é demasiado perigoso para ser um amigo íntimo.

Tibbs sorriu, talvez um pouco amargamente.—Não sou perigoso se você falar a verdade—respondeu êle.—E você falou-me a verdade, naquele dia. Num caso de assassínio, nunca podemos confiar na palavra de quem quer que seja. Isso leva-me a falar, agora, do Sr. Peterson, o corretor. Infelizmente, para êle, o Sr. Peterson encontrava-se em grandes dificuldades. Tinha perdido a maioria dos seus clientes, em virtude de tê-los aconselhado mal. Seu negócio corria o risco de falir. Além disso, tinha tido uma aventura com a secretária e, quando ela lhe disse que estava grávida, o Sr. Peterson sofreu um grande susto. Deu-lhe uma parte do dinheiro que lhe restava e, depois, viajou para a Europa a fim de visitar o Dr. Roussel.

—Por que razão é que as pessoas complicam tanto a vida?—perguntou Emily.

—Sim, isso acontece a todo o instante—retorquiu Virgil.—Pelo menos, essa gente faz com que os policiais não fiquem desempregados.

—Assim, êle foi para a Europa com o fim de tentar vender as suas ações?—perguntou Ellen.

—Mais ou menos. Segundo os têrmos do acôrdo, entre os acionistas, nenhum dêles podia vender suas ações sem a aprovação dos outros. Todavia, Peterson esperava que o Dr. Roussel, sendo solteiro e vivendo na Europa, se mostrasse compreensível e o ajudasse naquela situação difícil. Peterson sabia perfeitamente que não tinha a menor possibilidade de convencer Walter McCormack, mas pensava que o Dr. Roussel estivesse disposto a adiantar-lhe uma quantia substancial por conta da venda da emprêsa... uma venda que êle aconselhava muito fortemente.

—E com grande urgência—acrescentou Holt-Rymers.

—Êsse Sr. Peterson é casado?—perguntou Linda.

—É, sim, mas a espôsa pediu divórcio e processou-o.

—Então, só havia uma coisa que êle podia fazer: permitir o divórcio, em Reno, e casar com a môça que engravidou—disse Linda.

Tibbs olhou para Linda e sacudiu a cabeça.—O casamento, nessas circunstâncias, raramente dá resultado, especialmente se êsse casamento fôr considerado como qualquer coisa mais do que uma conveniência legal. De todos os modos, êle não podia fazer isso, a môça já era casada... com um militar que estava há muito tempo em serviço no estrangeiro.

—Que complicação!—exclamou Forrest.

—Concordo—disse Virgil, prosseguindo—e, de qualquer maneira, se somarmos tôdas estas circunstâncias, é fácil compreender que havia uma razão para Peterson se encontrar num estado de espírito que o levasse a cometer um assassínio. Tinha um motivo e era um homem corpulento, verdadeiramente forte, o que o tornou, numa possibilidade real, culpado. Contudo, do ponto de vista estritamente legal, tudo o que êle fizera, de ilegal, fôra ter uma aventura com uma mulher adulta, tão culpada quanto êle. Não há dúvida de que Peterson tinha motivos para preocupações, mas do ponto de vista da polícia nada fizera de mal. Além disso, se a emprêsa tivesse sido vendida, suas dificuldades teriam sido completamente resolvidas.

—E a môça?—perguntou Linda.

—Foi para o México, de férias. Enquanto lá estava, sofreu um ligeiro acidente e perdeu a criança. Já basta de Sr. Peterson... Agora, falemos da Sr.ª Pratt.

—Não, muito obrigado—murmurou Holt-Rymers.

—Não interrompa—retorquiu Linda.

Virgil fêz uma breve pausa e voltou a beber um pouco de chá gelado.

—A Sr.ª Pratt é uma mulher cuja vaidade vai quase até à loucura. Sua história, de uma ponta à outra, prova-o bem. De início, desinteressou-se pelo Dr. Roussel por êste não lhe poder proporcionar suficiente dinheiro. Depois, casou com um homem mais velho, que tinha uma fortuna considerável. Era uma mulher de aspecto frágil e muito atraente, de um tipo que sempre interessa grandemente a certos homens. Ela costumava aproveitar-se disso e servir-se do seu físico como se fôsse um cheque de viagem. Quando enviuvou, encontrou-se em circunstâncias muito confortáveis, com dinheiro suficiente para viver em paz o resto da vida. Mas isso não era o bastante, para ela, e resolveu voltar a casar... de nôvo com um homem de fortuna. Para consegui-lo, comprou uma casa muito dispendiosa e fêz todo o possível para entrar na melhor sociedade. Se pudesse encontrar um nôvo marido que também fôsse um milionário de respeito, isso seria esplêndido; se não o conseguisse, estava certa de que Albert Roussel ainda a desejava e isso também seria interessante, visto que êle estava ganhando muito dinheiro com as suas patentes.

—Ela devia ter casado com êle logo de início—comentou George.

—Eu não desejaria uma tal coisa para o pobre tio Albert—disse Ellen, um pouco irônicamente.

—Desculpe—disse George.

Virgil continuou:—A Sr.ª Pratt gastou muito mais do que podia e não recebeu a recompensa, romântica ou não, que esperava. Já

não era muito jovem e alguns dos menos desejáveis traços do seu caráter já começavam a tornar-se aparentes. Assim, quando o dinheiro começou a acabar, ela escreveu ao Dr. Roussel e, mais ou menos, ofereceu-se em casamento. O Dr. Roussel recusou-a.

—Bravo!—exclamou Ellen.—Uma pergunta: como é que você descobriu isso tudo?

—Tive uma longa conversa telefônica com a empregada dela. Creio que, normalmente, não me teria contado tudo isso, mesmo que eu lhe tivesse pedido oficialmente. Mas houve um pequeno incidente: a Sr.ª Pratt embaraçou-a quando ela preparou chá para mim, durante a minha primeira visita. Além disso, a Sr.ª Pratt disse-lhe que eu não devia ser considerado como um convidado, fôsse pela minha profissão ou, o que é mais provável, por causa da minha raça. Isto não agradou muito à jovem empregada e, assim, quando levantei o caso, ela contou-me muita coisa interessante. Claro, a Sr.ª Pratt pouco podia esconder à empregada que vivia com ela.

—Naturalmente—concordou Emily.

—Agora, vou falar das origens do crime—disse Virgil.—A Sr.ª Pratt sentia-se como uma mulher desdenhada. Êsse foi o primeiro e o mais importante motivo do crime; para uma pessoa tão vaidosa quanto ela, o fato de se ver recusada por um homem que antigamente se interessara por ela era uma ofensa verdadeiramente insuportável. Tratava-se de uma grande humilhação e essa sua vaidade exagerada exigiu-lhe vingança.

—O inferno não tem fúria pior do que a fúria de uma mulher desdenhada—citou Linda.

—É possível que essa vaidade não a tivesse levado, por si só, a um crime de morte—explicou Tibbs—mas as outras facêtas do caso foram-se amontoando. Ela estava bem consciente de que deixara de interessar aos homens como futura espôsa. Estava precisando muito de dinheiro. E, além do fato de Albert Roussel se ter recusado a casar com ela, também estava firmemente convencida de que era sua herdeira, pelo menos em parte. Quando a emprêsa foi organizada, o Dr. Roussel mostrou-se muito agradecido pela ajuda que ela lhe tinha dado e disse-lhe que jamais perderia com o investimento que fizera. O Dr. Roussel chegou a oferecer-lhe pôr à sua disposição todos os fundos que possuía. A Sr.ª Pratt sugeriu, então, que seria mais apropriado nomeá-la herdeira dêle, para o caso de lhe acontecer qualquer coisa. Esta informação foi-me dada pelo advogado, que o convenceu a não seguir a sugestão.

—Eu pensava que os entendimentos entre um cliente e seu advogado fôssem sempre absolutamente confidenciais—disse Forrest, como se desejasse esclarecer uma dúvida.

—Isso é correto—concordou Tibbs—mas o caso, aqui, era diferente. O cliente tinha sido assassinado e eu pedi ao Sr. Wolfram que me ajudasse a levar à justiça as pessoas responsáveis. O advogado não tinha a obrigação de me informar, mas desejou fazê-lo.

—Sim, compreendo—disse Forrest.—Mais uma pergunta, Virgil: sabe dizer-me se é normal uma pessoa assassinar outra, chegar a êsse extremo, só por vingança? Nas óperas italianas, sim, parece que é habito, mas eu acho difícil de acreditar...

—Isso devido ao senhor ser uma pessoa muito razoável e decente —respondeu-lhe Virgil—mas quantas vêzes é que já leu num jornal que um marido ciumento matou a mulher? Infelizmente, isso é muito comum. Depois de um casamento ter falhado, quando o casal se separa, acontece muitas vêzes que a mulher começa a sair com outro homem. O marido ciumento, embora divorciado, resolve surpreendê-los e a coisa termina com uma cena violenta, muitas vêzes com tiros e o marido matando-se depois...

—Claro que isso acontece!—interrompeu Linda.

—No que se refere ao dinheiro, a Sr.ª Pratt ainda tinha suas ações—comentou George.

—Sim, isso é verdade, mas não as podia vender. O Dr. Roussel opunha-se à venda da emprêsa e já lhe dissera.

—Já começo a compreender—disse Emily.—Com o Dr. Roussel fora de combate, a Sr.ª Pratt talvez conseguisse forçar a venda. Provàvelmente, além do mais, estava ao corrente das dificuldades de Peterson.

—Tem tôda a razão.

—Um momento—disse Ellen.—Suponha que ela acreditasse que o dinheiro da herança fôsse para minha mãe, isto é, o dinheiro e os bens dêsse tipo, mas que o tio Albert lhe deixaria as ações para ela fazer o que desejasse. Isso seria bastante lógico. Nesse caso, portanto, ela poderia forçar a venda e fazer um lucro duplo.

Tibbs assentiu, movendo lentamente a cabeça.—Pensei exatamente o mesmo. Não posso provar que isso seja verdade, pelo menos não posso provar sem uma confissão da Sr.ª Pratt, mas a verdade é que penso o mesmo.

Linda, por sua vez, comentou:—A Sr.ª Pratt conhecia o motorista do Sr. McCormack e conseguiu, não sei como, que êle fizesse o trabalho sujo por conta dela.

—Você está indo demasiado depressa—retorquiu Tibbs.—Bàsicamente, tem razão, mas a coisa não foi assim tão simples. A história, na realidade, começa com o fato de que Brown era, em tempos, um homem muito decente e sério. Já trabalhava para o Sr. McCormack havia muito tempo. Percebi isso quando êle descreveu a

falecida Sr.ª McCormack e me disse que ela havia morrido algum tempo atrás. Walter Brown encontrava-se numa situação muito melhor do que êle próprio pensava; apesar de ter uma educação muito limitada, Walter contava com um emprêgo estável, um lugar confortável para viver e, como todos os empregados do Sr. McCormack, o seu nome estava mencionado muito generosamente no testamento do patrão. Quando o Sr. McCormack morresse, o motorista receberia uma herança de dois mil dólares por ano de serviço contínuo, o que é muito mais do que a maioria das pessoas conseguem economizar durante a vida. Claro, Brown não sabia disso, mas deveria ter compreendido que, como seu patrão não tinha outros herdeiros, seria, por certo, muito liberal para com todos aquêles que o haviam servido fielmente. Todavia, Brown não raciocinou dessa forma e imaginou que a atitude do Sr. McCormack para com o seu pessoal não era das mais encorajadoras.

—E você sabe que razão o levou a ir pelo mau caminho?—perguntou Forrest.

Tibbs hesitou, respondendo poucos segundos depois:—Infelizmente, sei. Em grande parte, isso foi devido ao fato de se tratar de um negro e, por outro lado, êle também sofreu uma influência muito forte por parte da Sr.ª Pratt. Tal como sucedeu comigo, Brown veio do Sul, do interior, e sua família ainda vive lá. Quando as demonstrações raciais perturbaram pela primeira vez a cidade onde vivia, sua única irmã fêz parte de uma comissão local, bi-racial, que trabalhava para a igualdade pacífica... isto é, teve voz ativa nessa comissão até ser atacada por alguns degenerados brancos, da cidade, que a violentaram. Brown, quando tomou conhecimento disto, juntou-se imediatamente a um dos grupos radicais de negros, um grupo militante, e em pouco tempo criou dentro de si um grande ódio pelos brancos. Foi até ao ponto de se treinar em lutas de rua, em incidentes e desordens públicas. Treinou muito, acreditem, e posso garantir-lhes que êle é muito forte na briga...

Virgil sacudiu a cabeça; quando voltou a falar, sua voz baixara de tom e perdera um pouco da vitalidade habitual. Agora, parecia que estava apenas a recitar fatos.

—A Sr.ª Pratt conhecia Brown em virtude de o Sr. McCormack, que é inválido, raramente sair de casa e de enviar, muitas vêzes, o carro para a ir buscar quando havia negócios da emprêsa a tratar.

—Sim, posso confirmar isso—contribuiu Holt-Rymers.

—Brown convidou a empregada da Sr.ª Pratt para sair algumas vêzes com êle. Essa môça é muito respeitável e simpática. Quando falei com ela, disse-me que Brown foi um dos homens presos durante os incidentes de Watts, em Los Angeles, ocorridos no verão de 1965. Creio que ela teve conhecimento do fato através de um jornal publicado pelos negros; viu o nome e a fotografia de Brown e, então, informou a patroa para que ela tivesse cautela. Foi isso, na verdade, que deu início a tôda esta história.

Virgil fêz uma breve pausa e acabou de beber o seu chá gelado. Linda voltou a encher o copo e, depois, olhou para êle, franzindo a testa.

—Sabendo o que ela sabia sôbre Walter Brown, a Sr.ª Pratt resolveu influenciá-lo e servir-se do fato de ser êle um homem violento—prosseguiu Tibbs.—Disse-lhe que sua família, embora ela fôsse branca, tinha vivido muito tempo no Sul e que, apesar de tudo, era possível que também tivesse algum negro, o que, felizmente para a minha gente, era mentira. Disse-lhe também que informara o Dr. Roussel sôbre essa pequena percentagem de sangue negro que tinha e que, por isso, êle rompera o noivado, recusando-se a casar com ela.

—Que imaginação!—explodiu Linda.

Tibbs bebeu mais algum chá e continuou:—Depois da Sr.ª Pratt ter conseguido enfurecer ainda mais o motorista do Sr. McCormack, com êste suposto insulto, ofereceu-lhe uma quantia importante para que êle arquitetasse um "acidente". Sempre que o Dr. Roussel visitava os Estados Unidos, nestes anos mais recentes, o Sr. McCormack costumava enviar-lhe o seu carro ao aeroporto para o receber e o levar ao hotel. Isso era muito normal, pois os dois homens eram grandes amigos. A Sr.ª Pratt deu quinhentos dólares a Brown, como adiantamento, em cheque, e escreveu no recibo "por trabalhos de jardinagem".

—Não teria isso sido uma idéia muito estúpida?—perguntou George.

—Claro que o foi, mas ela pensava que o cheque seria devolvido pelo banco, mais tarde, como é hábito, e que poderia servir-se dêle para controlar o motorista, no caso dêste se tornar difícil, no futuro. A Sr.ª Pratt não sabia, ou esqueceu-se, que todos os cheques compensados são fotografados. De todos os modos, eu vi o cheque antes de ser devolvido à Sr.ª Pratt com o extrato de conta do mês. Fiquei muito surpreendido e comuniquei-me imediatamente com a associação dos jardineiros, averiguando o nome do homem que cuidava dos seus jardins. Tenho comigo uma declaração dêsse jardineiro, afirmando que mais ninguém trabalhara na propriedade durante os últimos anos.

—O resto pode ser resumido em poucas palavras. O ódio que Brown adquirira pelos brancos, recentemente, que pode ser considerado um preconceito em sentido inverso, foi inflamado pelos

incidentes Watts e intensificado pela crença de que o Dr. Roussel recusara casar-se com a Sr.ª Pratt em virtude de supor que ela tinha algum sangue negro. O homem fôra treinado para atos violentos e estava pronto para agir. Depois, a Sr.ª Pratt atiçou-o ainda mais. A culpa foi tôda dela. Já expliquei que ela agiu como uma mulher desdenhada, perversa, arrogantemente egoísta e totalmente indisciplinada, uma mulher que merece o maior desprêzo, que queria vingar-se e não estava disposta a agir pela metade. Quando a Associação dos Clubes de Nudismo se reuniu aqui, para a sua convenção anual, vocês ganharam uma enorme publicidade, como já sabem. Isso deu uma idéia à Sr.ª Pratt. Esta não só queria ver o Dr. Roussel morto, como também desejava que o seu cadáver fôsse encontrado, especificamente, num clube de nudistas.

O rosto de Linda revelou sua imediata compreensão:—A outra possibilidade! O corpo não foi deixado na nossa piscina para *nos* embaraçar. Foi para que o fato se refletisse sôbre *êle!* Foi para que o mundo ficasse com uma opinião menos decente a respeito do Dr. Roussel.

—Sim, mas levei certo tempo a imaginar isso. Brown concordou com o plano por pensar que um cadáver encontrado num clube de nudistas seria escondido ou jogado imediatamente num precipício por quem o descobrisse. Na verdade, êle supunha que os nudistas eram pessoas à margem da lei, que tudo fariam para evitar qualquer contato com a polícia.

Forrest sacudiu lentamente a cabeça, dizendo:—Essa foi uma das coisas que Comstock fêz pelo nosso país—disse êle, falando muito devagar.

George estivera pensando.—Como o corpo estava nu, a identificação foi um tanto demorada, o que provàvelmente diminuiu os riscos. Estou certo de que êle fêz desaparecer as roupas e a bagagem do Dr. Roussel num dos muitos abismos da região. Se tivesse feito o mesmo com o corpo, êste ainda não teria sido descoberto, com certeza.

—Concordo—disse Tibbs.—Se conseguirmos obter uma confissão, espero que isso suceda, então faremos com que Brown nos indique o lugar onde jogou tudo, para que possamos recuperar as provas.

—Uma pergunta mais—disse Linda.—Como é que Brown explicou ao Sr. McCormack o fato do Dr. Roussel não ter chegado?

—Essa é uma pergunta muito astuta—respondeu Virgil, admirado pela perspicácia da môça.—Brown inventou uma história muito simples. Tinha recebido ordens para ir buscar o Dr. Roussel no aeroporto e para o conduzir ao hotel da irmã, nas montanhas.

Como o avião chegava da Europa em hora muito tardia, Brown decidiu dizer que o Dr. Roussel não quisera incomodar a família àquela hora da noite e lhe pedira que o deixasse em frente de um hotel em São Bernardino. Claro, Brown tinha de obedecer a quaisquer instruções dêsse tipo. Pensava dizer, portanto, que fizera o que o Dr. Roussel lhe pedira, deixando-o em frente do hotel e regressando para casa. À essa hora, naturalmente, o porteiro do hotel não estaria de serviço; Brown certificou-se dêsse fato. Assim, ninguém o poderia acusar por não haver testemunhas. Devo dizer que o plano não foi dos melhores, mas sua simplicidade deu-lhe certo mérito e, de todos os modos, seria muito difícil provar o contrário. Brown seria interrogado por nós, mas sua experiência anterior com a lei já o habituara a tais interrogatórios, o que lhe dera certa confiança e, talvez, a certeza de que nada poderia ser provado contra êle.

—E o detector de mentiras?—perguntou Holt-Rymers.

—Um suspeito tem de se oferecer como voluntário e, de qualquer maneira, a evidência obtida não pode ser apresentada em tribunal se tender para estabelecer qualquer culpa. Isto leva-me a recordar outra coisa: se, alguma vez, você fôr acusado de um crime, injustamente, peça imediatamente que lhe façam um teste polígrafo. A maioria dos departamentos de polícia está equipada para êsse fim, como sucede conosco, por exemplo. Um suspeito que se oferece para êsse teste é quase sempre inocente. Na prática, as preocupações do suspeito acabam logo que a máquina estabelece que êle está falando a verdade...

—Muito obrigado. Isso poderá ser-me muito útil. Continue...

—As coisas passaram-se de tal maneira, afinal, que Brown nem teve de contar a sua história. O avião chegou atrasado e muito depois de o Sr. McCormack se ter deitado. Brown seguiu as instruções que recebera, partindo para o aeroporto e esperando o avião. Depois do seu regresso e de ter cometido o crime, guardou o carro na garagem e não teve de dar qualquer explicação. Suponho que o Sr. McCormack pensava que o Dr. Roussel já se encontrava no hotel de sua irmã. Brown deve ter pensado em dizer ao Sr. McCormack que deixara o Dr. Roussel em frente do hotel em São Bernardino, mas teve muita sorte, visto que as circunstâncias não o obrigaram a dizer o que quer que fôsse. Mais tarde, se necessário, poderia dizer ter suposto que o Sr. McCormack já estava informado. Brown sentiu perfeitamente que essa explicação era muito débil e que seria muito seguro não ter de dá-la. Nisso, claro, êle tinha razão.

Ellen conservara-se imóvel durante todo aquêle tempo, não tendo feito qualquer comentário durante a descrição de Tibbs.

Agora, no final, soltou um suspiro e olhou para o detetive, dizendo:

—Muito obrigada... Virgil.

—Nada tem a agradecer, Ellen—respondeu êle.—Não fiz mais do que o meu trabalho.

Poucos minutos depois, a atmosfera começava a desanuviar-se. As densas sombras da morte cederam ante o intenso sol da Califórnia, o qual parecia quase gravar a fogo estranhos e alegres desenhos nas janelas da cozinha. O cantar dos pássaros fazia-se ouvir, lá fora, e Carole, tendo a intuição de que já podia juntar-se aos outros, entrou muito sorrateiramente na cozinha.

Ellen levantou-se e olhou para os outros.

—Vocês têm sido um verdadeiro reconfôrto para mim—disse ela.

Bill Holt-Rymers, que a estivera examinando durante algum tempo, sorriu-lhe e, num tom de voz que não adimitia qualquer discussão, anunciou:

—Vou pintar o seu retrato.

Ellen olhou de soslaio para o retrato de Linda e hesitou.—O senhor sabe pintar retratos... com roupas?—perguntou ela.

—Sei, sim—respondeu Holt-Rymers.—Mas não gosto muito de o fazer. Mesmo assim...

Virgil olhou para o relógio.—Como temos um encontro com o Capitão Lindholm...—começou êle a dizer.

—Eu levarei Ellen no meu carro—ofereceu-se George.—Você, Virgil, já tem o carro cheio.

—Eu fico aqui, se não se importarem—disse Holt-Rymers, levantando-se.—Estou ficando alérgico a roupas, especialmente em dias quentes, e tenho de trabalhar um pouco.

O pintor encaminhou-se para o cavalete e pegou no retrato de Linda. Levando-o cuidadosamente nas mãos, entregou-o a Virgil, dizendo com grande simplicidade:—É seu.

—Não posso aceitá-lo...—disse Tibbs.

—Sim, pode, não há dúvida de que pode. Desta vez, adiantei-me. Já telefonei ao Chefe Addis e êle autorizou-me a oferecer-lhe o quadro. Assim, já é seu, como uma prova da minha amizade e admiração.

Virgil aceitou a valiosa tela e olhou para ela como se não pudesse acreditar que era sua.

—Não foi por acaso—disse Linda.—Nós queríamos que você ficasse com ela. Eu servi de modêlo e Bill pintou o retrato. O que êle fêz foi bem mais difícil do que a minha parte, mas, de qualquer forma, o quadro é para você.

—Eu...—Virgil Tibbs calou-se, não conseguindo encontrar palavras para terminar a frase.

—Talvez fique bem na parede do seu escritório—sugeriu Holt-Rymers, sem que seu rosto indicasse se êle estava ou não falando a sério.

Virgil achou que sim, que o pintor falara muito sèriamente.

—Vê-se logo que você não está habituado a freqüentar delegacias de polícia—disse êle.—No escritório, trabalhamos muito duramente. Com esta maravilhosa tela na parede, não o poderíamos fazer... todos os meus colegas viriam olhar para Linda. Se a pintura é minha, na realidade, então vou colocá-la no meu apartamento.

—Sim, fica autorizado a levá-la para o seu apartamento. Contudo, você é que terá de pagar a moldura. Alegre-se com a idéia...

Levando consigo o retrato, Virgil encaminhou-se, juntamente com os Nunn, para o parque de estacionamento do clube. Instalou Emily e Linda no banco de trás do carro da polícia e confiou o quadro aos seus cuidados. Depois, disse a Carole que se sentasse no meio do banco dianteiro e pediu a Forrest que se instalasse à sua direita. George convidara Ellen para ir no seu próprio carro e os dois jovens prepararam-se para seguir o carro da patrulha.

Tibbs pôs o motor em movimento, saiu do clube e, pouco depois, estava a caminho de Pasadena.—Isto não será muito incômodo para vocês—assegurou êle aos seus amigos.—Teremos algumas formalidades na delegacia, mas será tudo muito rápido.

—Queria fazer-lhe uma pergunta—disse Forrest.—Agora, que Ellen não está presente, por que motivo a tentaram matar? Para mim, isso não faz sentido.

Virgil olhou para o espelho retrovisor e viu que George e Ellen o seguiam a pouca distância.—Isso foi devido ao fato de Ellen ter herdado as ações que a Sr.ª Pratt desejava para si. Brown tomou conhecimento dessa herança quando levou o Sr. McCormack ao hotel dos pais de Ellen. A Sr.ª Pratt pensava que seria a próxima beneficiada no caso de acontecer qualquer coisa à môça antes que ela herdasse formalmente as ações. A vaidade da Sr.ª Pratt era tal que a levou a pensar que o Dr. Roussel só deixara a herança à sobrinha por obrigação e que não se teria esquecido dela, muito generosamente, se as circunstâncias não permitissem que Ellen recebesse a herança.

—Compreendo—respondeu Forrest.

—No que respeita a Brown—disse Virgil—êste só queria o dinheiro que lhe havia sido prometido e, por outro lado, queria vingar-se dos brancos que êle pensava terem insultado sua raça. Essa, na verdade, foi a razão.

Quando alcançaram a auto-estrada 66, Forrest divertiu-se muito

ao notar como os motoristas alteravam imediatamente a maneira de dirigir ao verem aproximar-se o carro da polícia. Virgil dirigia muito calmamente, em grande parte na pista da direita, mantendo-se sempre no limite da velocidade. Forrest e o detetive começaram a conversar sôbre os jogos de basebol da temporada e Carole, devido à monotonia da viagem, começou a dar sinais evidentes de aborrecimento. No assento de trás, Emily e Linda mantinham-se em silêncio, com o quadro entre elas. A tragédia chegara ao seu fim, mas as suas sombras recusavam-se a desaparecer completamente. Emily olhava pela janela e parecia imersa em pensamentos profundos.

Atravessaram Santa Anita, contornaram as colinas e, depois, passaram pela Sierra Madre Villa. Nesse momento, Virgil pegou no microfone, falou algumas palavras em voz baixa, que os outros não puderam ouvir e, passado um momento, voltou a desligar o rádio.

Sem que ninguém o visse, carregou num botão; uma luz vermelha apareceu imediatamente no painel de contrôle do carro. Por entre o pouco tráfego que havia na estrada, o carro da polícia começou a adquirir velocidade, alcançando 80 quilômetros horários. Depois, de repente, a sirene fêz-se ouvir muito sonoramente.

Carole quase deu um pulo no banco e pareceu ressuscitar da letargia em que se encontrava. Muito empertigada, com os olhos brilhando intensamente, perguntou num tom de voz que mais parecia uma exigência:

—As luzes vermelhas estão acesas?

—Estão, sim—respondeu Tibbs.—Quando faço uma promessa, sempre a cumpro a rigor.

—Que maravilha!—gritou Carole.

—Com licença—disse Virgil, em grande parte falando para o pai de Carole.

Virgil Tibbs vira surgir um sinal vermelho de tráfego a pouca distância. A ruidosa e insistente sirene fêz parar todo o tráfego, enquanto Tibbs, dirigindo com grande velocidade e maestria, contornou os carros imóveis e continuou pela direita a grande velocidade. Com a sirene continuando a soar estridentemente, e com tôdas as luzes vermelhas acesas, o carro da patrulha atravessou Colorado Boulevard.

Linda curvou-se para a frente e olhou para o rosto radiante da irmã.—Poderemos fazer isto outra vez?—perguntou Carole.

—Só na próxima vez que você me ajudar a caçar um assassino —respondeu-lhe Virgil.

—Vou tentar, prometo—disse ela, falando com grande entusiasmo.

Para a caçula, aquela tragédia já terminara completamente e já fôra, até, mais do que esquecida.

Virgil sorriu amargamente. Com uma grande perícia profissional, evitou um pequeno buraco na avenida, endireitou o carro uma vez mais e dirigiu-se para o centro da cidade.

ÊSTE LIVRO
FOI CONFECCIONADO NAS OFICINAS DA
GRÁFICA EDITÔRA BRASILEIRA LTDA.,
NA RUA LUÍS GAMA, 185, SÃO PAULO,
PARA A
LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITÔRA S. A.,
RIO DE JANEIRO
EM 1968—
ANO DO BICENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DE JEAN-BAPTISTE DEBRET
(* 18-4-1768 † 28-6-1848)
autor de *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil*
—DO JUBILEU DE OURO DA PUBLICAÇÃO DE
URUPÊS DE MONTEIRO LOBATO
—DO 500.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE
GUTENBERG, inventor da imprensa
(* 1398 † 3-2-1468)
—E DO 37.º ANO DE FUNDAÇÃO
DESTA CASA EDITÔRA.

O Hotel Sun Valley, dirigido por Forrest Nunn e sua mulher Emily, com a ajuda dos três filhos do casal—Linda, uma adolescente fascinante, George, de vinte e quatro anos e a pequena Carole —estava localizado num parque nudista da mais irrepreensível reputação (apenas poucas pessoas não concordavam com isso) e com um selecionadíssimo quadro de sócios. De forma alguma se admitiria a súbita ocorrência de um assassinato na harmonia daquele cenário.

Embora o corpo flutuando na piscina estivesse completamente nu, não se tratava de um dos sócios. O homem morto era abastado e muito importante. Mas não apenas êle estava nu; suas roupas não se encontravam em parte alguma e alguém tentara impedir sua identificação. E, mais estranho ainda, ninguém apareceu para identificá-lo ou para comunicar que um homem, com suas características, havia desaparecido.

A solução do caso era extremamente difícil. Mas Virgil Tibbs, atuando com paciência e acuidade, estava determinado a resolvê-lo, tendo inclusive que acostumar-se com a idéia de fazer sua investigação num campo nudista, o que não deixou de lhe criar os maiores problemas.

Tibbs é um detetive que vem conquistando amigos e admiradores à primeira vista—não temos dúvida de que continuará a conquistá-los cada vez mais.

Uma edição